

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE PEDAGOGIA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

CIBELLE EVELLYN MARTINS MORAES AUTO OLIVEIRA

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR E AS
BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Campo Grande/MS

2017

CIBELLE EVELLYN MARTINS MORAES AUTO OLIVEIRA

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR E AS
BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso objetivando a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, área de Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Greice Davanço Nogueira.

Campo Grande/MS

2017

O46f Oliveira, Cibelle Evellyn Martins Moraes Auto
A formação do professor alfabetizador e as boas práticas
pedagógicas/ Cibelle Evellyn Martins Moraes Auto Oliveira.
Campo Grande, MS: UEMS, 2017.
62p. ; 30cm.

Monografia (Graduação) – Pedagogia – Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, 2017.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Greice Davanço Nogueira.

1. Alfabetização e letramento 2. Leitura e escrita 3.
Formação e PIBID I. Título.

CDD 23.ed. 370.71

CIBELLE EVELLYN MARTINS MORAES AUTO OLIVEIRA

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR E AS
BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso objetivando a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia
à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, área de Educação.

Aprovado em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Greice Davanço Nogueira (Orientadora / UEMS)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Vera Lucia Guerra
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Vilma Miranda de Brito
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

*Às crianças que me inspiraram a buscar novos
conhecimentos e a lutar por uma educação
pública e de qualidade.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter guiado os meus passos, amparando-me, concedendo-me condições físicas e materiais para prosseguir, apesar das grandes dificuldades, lutas e anseios remetidos no decorrer dos anos. A Ele toda honra, glória e louvor.

À minha família, pelo apoio concedido nas adversidades. Minha mãe, Selma, mulher guerreira que tanto lutou por mim e minha irmã para que nos tornássemos o que somos hoje. A vida que tenho, devo à sua dedicação. Ao meu amigo e companheiro Diego, que não mediu esforços para me ajudar no que fosse preciso ao longo da formação acadêmica. Ao meu sobrinho, Yehudi, que me inspirou a buscar meios para me tornar uma professora que acredita em uma educação pública e de qualidade para todas as crianças.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Eliane Greice Davanço Nogueira, por ter acreditado em mim e me acolhido com seu sorriso lindo e autoestima imensurável, que contribuiu tanto para minha formação acadêmica, ajudando-me a enxergar a alfabetização por diferentes aspectos e a compreender que o caminho é árduo, mas os resultados serão superiores.

À minha querida professora e conselheira, Profa. Dra. Vera Lucia Guerra, a quem devo tudo o que sei sobre Educação Infantil, afinal, foram quatro anos de parceria e muito aprendizado. Pelo amor e paixão que possui pelas crianças, lutando sempre por uma Educação Infantil de qualidade, sendo exemplo de pessoa e profissional.

À minha querida Profa. Dra. Vilma Miranda de Brito, por ter me proporcionado momentos de muito aprendizado durante os anos que estivemos em sala de aula. Obrigada pelas orientações e conselhos valiosos, que vou levar comigo para o cotidiano da educação, lutando por uma gestão democrática na escola, bem como em sala, com as crianças.

À Profa. Dra. Rosaura Soligo, por me oportunizar momentos ricos de aprendizagem no decorrer do Curso para Formação de Professores Alfabetizadores. Apesar de não tê-la conhecido pessoalmente, tornou-se uma pessoa muito estimada por mim.

À minha amiga e parceira crítica Jane Regina que, com seu jeitinho meigo e simples de ser, conquistou todo o meu respeito, carinho e admiração pela pessoa maravilhosa que é. Obrigada por ter me apoiado no curso CformA/2017.

À Danielle e Solange, pela cumplicidade nos trabalhos realizados, pelas conversas de incentivo, uma sempre ajudando a outra e, assim, conseguimos concluir juntas, mais uma etapa de nossas vidas.

Aos meus colegas de classe pela parceria, o caminho percorrido não foi fácil, porém conseguimos conquistar a realização de um sonho.

Aos Professores Mestres e Doutores que tanto contribuíram na minha jornada acadêmica, ajudando-me a abrir novos olhares para o humano.

À Profa. Ma. Mônica Scharth Gomes, que nos deixou um legado: lutar por uma educação mais nobre e justa, pública e de qualidade, para as crianças que serão nossos alunos.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), subprojeto Pedagogia Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Campo Grande/MS por me permitir fazer parte desse projeto que é tão importante para o crescimento pessoal e profissional dos bolsistas e acadêmicos. O PIBID foi extremamente significativo para a concretização do meu aprendizado no decorrer dos quatro anos de estudo e estágio, aprendi a ser, e me reconhecer como professora por meio do PIBID. Muito obrigada!

A todos que contribuíram de uma forma ou de outra na construção do meu conhecimento e do que sou hoje, meu muito obrigado!

Sou Feita de Retalhos. Pedacinhos...

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Cris Pizziment (2013).

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo obras de Cagliari (1998; 2005), Morais (2006), Melo e Magalhães (2013) e Soligo (2003; 2015), autores que versam sobre a alfabetização por meio de textos, como destaque na construção de conhecimento por parte das crianças. O objetivo geral é pesquisar e analisar as dificuldades que o professor alfabetizador possui ao colocar em prática o uso de textos para alfabetizar as crianças. Como procedimentos metodológicos, utilizamos a abordagem qualitativa, com pesquisa de campo, análise bibliográfica, dos autores citados a cima, e documental, cartas escritas no decorrer do Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas – CformA, tendo como fontes autores que tratam da temática e textos utilizados em classes de alfabetização, pontuando a questão dos métodos de ensino como instrumento de trabalho que abre possibilidades de ampliar o fazer na prática docente neste processo de escolarização, colocando a prática pedagógica em evidência nesse contexto. O trabalho discorre sobre a história da alfabetização, os métodos utilizados até os dias atuais, colocando em evidência a importância da linguística e do letramento na alfabetização, e a produção de textos espontâneos, para entender a relevância de textos diversos no contexto escolar, e sobre a pluralidade da escrita e sua dimensão no meio em que vivemos. Para assim perceber o processo de aquisição da leitura e da escrita pelas crianças. A partir da pesquisa, busco analisar, de que forma o trabalho com texto em sala de aula influi no processo de alfabetização e construção do conhecimento da criança. A pesquisa aborda o alicerce da alfabetização, seu início, e como foi sendo desenvolvida através dos anos. Busco contribuir com aspectos que estimulem a reflexão sobre a alfabetização e os métodos de alfabetização para que novos educadores entendam a necessidade de compreender o processo de alfabetização por meio de textos da criança em idade escolar. Visando formar aprendizes pensantes, criativos. Crianças que almejem o conhecimento, e que compreendam a importância de saber. Fortalecendo o ambiente escolar, levando a criança a produzir conhecimento, e não apenas um sistema “bancário”, onde o aprendiz senta e “recebe” conhecimento.

Palavras chave: Alfabetização e Letramento. Linguística. Leitura e escrita. PIBID. Formação.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CEINF Centro de Educação Infantil

CFORMA Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

PIBID Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

UEMS Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A problemática do estudo	12
O referencial teórico	13
Objetivos da pesquisa	13
A metodologia do trabalho	15
Contribuições da pesquisa.....	16
1 A LEITURA E A ESCRITA NA SOCIEDADE: BREVES CONSIDERAÇÕES	17
2 O CURSO DE FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORAS VIA CARTA (CformA): PARCERIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A PRÁTICA ALFABETIZADORA	30
3 ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE TEXTOS: RELATOS DE OBSERVAÇÃO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

Ensinar [...] pressupõe conhecer as hipóteses dos alunos, entender o que existe por trás dos argumentos que eles utilizam para se posicionar a favor ou contra uma decisão, prever quais interações são produtivas – do professor com eles, deles entre si e deles com o que é objeto do seu conhecimento –, planejar situações que lhes permitam conquistar avanços em suas aprendizagens, oferecer a informação necessária para tornar possíveis esses avanços...
Delia Lerner.

Ensinar consiste em compreender que a criança aprende e assimila o que lhe é proposto, entendemos que a criança não é um recipiente vazio onde o professor “planta” o conhecimento. Contudo, como acadêmica e estagiária na educação, comecei a perceber que o ensino da leitura e da compreensão da escrita, a alfabetização, é um dos pontos que mais preocupam os professores, a escola, os pais, as universidades e a sociedade em geral, pois consiste na base que norteará os próximos anos da criança em sua vida escolar. Sendo assim, uma criança que não sabe ler, escrever e interpretar textos até o quarto ano, possivelmente apresentará dificuldades diversas na aprendizagem escolar, podendo até mesmo desistir de seus estudos futuramente.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, em seu Capítulo IV, Art. 53, estabelece o direito da criança em ter uma educação pública e de qualidade, que vise ao desenvolvimento integral da criança. E é dever do Estado oferecer essa educação para a criança, abrangendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Portanto, como profissional da educação, devo estudar e repensar os métodos utilizados para alfabetizar as crianças em idade escolar.

No primeiro ano na academia ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid, em um subprojeto voltado para a Educação Infantil, que me oportunizou momentos de observação, pesquisa e ação. Aprendi muito na prática, principalmente a respeitar a criança pequena como construtora de seu próprio conhecimento. Porém, faltava uma parte relevante desse processo: a Alfabetização.

O anseio por essa disciplina surgiu no meu segundo ano do curso de graduação, quando realizei o Estágio Supervisionado II, Diversidade, sob a orientação da Profa. Dra. Vilma Miranda de Brito. Na turma de 4º ano na Rede Estadual de Ensino, em que a maior parte das crianças não haviam se apropriado com autonomia do sistema de escrita alfabética. Como profissional em formação, essa situação deixou-me muito aflita, e comecei a refletir

sobre a importância de se ter acesso a conhecimentos sobre a prática pedagógica na alfabetização e sobre as teorias que contribuem para a compreensão de como a criança aprende, tendo em vista as dificuldades reais que enfrentamos atualmente na educação, e em especial na alfabetização.

Nas pesquisas e políticas voltadas para a alfabetização muitas questões têm sido destacadas, principalmente aquelas relacionadas à didática do professor alfabetizador em sala. Vários métodos foram propostos e estudados, a exemplo dos métodos tradicionais, como a silabação, em que se supõe que a criança aprenderia a partir da ação de "desmontar" e "montar" palavras, sem contudo considera-la como um ser que pensa e que busca resolver os problemas que encontra da sua maneira. As limitações desses métodos apontadas por pesquisadores da história da alfabetização levaram-me a questionar: se o chamado "método tradicional" está ultrapassado, qual a melhor forma para alfabetizar as crianças atualmente?

Entendo que os estudos realizados na universidade, na formação inicial, podem fornecer um alicerce para o trabalho do futuro alfabetizador. Portanto, no presente Trabalho de Conclusão de Curso, partindo desse questionamento, busquei compreender o processo de alfabetização das crianças, com ênfase nas dificuldades e incertezas que o professor alfabetizador possui ao trabalhar com textos no cotidiano da sala de aula.

O primeiro capítulo da pesquisa aborda o alicerce da alfabetização, seu início, e como foi sendo desenvolvida através dos anos. Busquei discutir textos que abordassem a linguística e o letramento, pois também constituem o tema proposto.

No segundo capítulo, abordo o Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas – Cforma, que realizei no ano vigente. Que discute a questão do trabalho com atividades de alfabetização a partir de textos.

No terceiro e último capítulo relato a experiência vivida em uma Escola Municipal, em Campo Grande/MS, na sala de atividades, de uma turma de primeiro ano, que possui uma professora que trabalha nessa perspectiva, alfabetizando por meio de textos reais.

A problemática do estudo

As questões que nortearam o estudo realizado foram: qual é a principal dificuldade que o professor alfabetizador enfrenta, no cotidiano, para alfabetizar com textos as crianças que se encontram na sala? Por que é tão difícil? Por que esse método é tão criticado pelos professores já formados e atuantes em sala? Quais os pontos positivos? Quais os negativos? O

que é preciso para que esse método se transforme em prática pedagógica nas escolas? Como o professor enxerga a criança que se encontra na escola?

O referencial teórico

Como referencial teórico, busquei por obras que abordassem o tema da alfabetização por meio de textos. Os que se identificaram com a proposta da pesquisa foram: Cagliari (1998, 2005), Melo e Magalhães (2013), Morais (2006), Perez (2017), Soligo (2003; 2015), Soares (2016) e Teberosky e Colomer (2003).

Para abordar o início e o processo da alfabetização, bem como a linguística, utilizei os estudos de Cagliari (1998, 2005). Sobre concepções e metodologias da alfabetização, Morais (2006). Alfabetizar “letrando”, Melo e Magalhães (2013). Letramento e alfabetização, Soligo (2003; 2015).

Objetivos da pesquisa

O trabalho tem por objetivo geral compreender as dificuldades que o professor alfabetizador possui ao trabalhar com textos reais com crianças no primeiro e segundo anos do ensino fundamental.

Muitos são os estudos que evidenciam a importância de se trabalhar de uma forma completa e ampla com as crianças. Contudo, apesar de tantos estudos já realizados, de autores renomados dizerem que o “ba-be-bi-bo-bu” está mais do que ultrapassado, muitos professores formados relutam e insistem em dizer de que tudo o que está posto não funciona na prática. Então, onde está o erro? Na formação acadêmica? Por que muitos profissionais que tiveram a mesma formação que a minha, ou seja, tiveram acesso às mesmas teorias e estudos, percorrem caminhos diferentes ao trabalhar com a alfabetização?

Parto da hipótese, a partir do que percebi em alguns dos profissionais que encontrei, pela jornada dentro dos estágios realizados, que o maior problema é não acreditar no potencial da criança. Como profissionais, parece haver uma tendência a se colocar as crianças em um espaço em que não podem se expressar ou opinar, isto é, deixa-se de dar voz à criança.

E devo confessar essa também era a minha maior incerteza, acreditar na capacidade de aprendizagem da criança. Como vai aprender a ler, lendo? Aprender a escrever, escrevendo? Será que são mesmo capazes de aprender dessa forma? Sem um “empurrãozinho”, sem

aprender a silabar? Sem decorar o alfabeto de frente para trás, de trás para frente? Como é possível?

Percebi que essa questão era o gargalo da minha pesquisa. Se eu, como professora, não acreditar no potencial da criança que está sob minha responsabilidade, então não havia o que fazer com relação à minha pesquisa. Dessa forma, frente aos estudos lidos e realizados nas disciplinas que tratavam da Educação Infantil, nos quais se afirma que a criança é um ser que pensa e que produz conhecimento, parto da hipótese de que a maior dificuldade consiste em fazer com que o professor reconheça essa capacidade das crianças e supere a visão da escola como transmissora de saberes e conteúdos, ainda presente nas instituições, em que se concebe que para aprender a criança não deve se mexer, precisa ficar enfileirada, e quem planta a semente do saber é o professor.

Percebendo essa dificuldade, minha orientadora, Profa. Dra. Eliane Greice, indicou-me o Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas - CformA, ministrado pela Profa Dra. Rosaura Soligo, para realizar no primeiro semestre do ano vigente. Esse curso possui algumas características fundamentais, pois foi pensado para o/a professor/a que deseja mudar sua prática pedagógica com foco em trabalhos com textos na escola. Porém, o curso, é para quem já atua na rede pública de ensino, mais exatamente para quem é professor/a de crianças no primeiro e segundo ano, como podemos perceber por meio das instruções iniciais do curso,

A professora interessada em se inscrever no curso deve ter o seguinte perfil: Ser alfabetizadora, lecionar preferencialmente em uma turma de 1º ou 2º ano e ter compromisso com a qualidade do próprio trabalho e **disponibilidade de mudá-lo sempre que for para favorecer a aprendizagem das crianças.**/ Trabalhar preferencialmente em lugares de difícil acesso, onde sejam poucas as oportunidades de formação continuada, e ter **interesse em estudar bastante para ampliar o conhecimento didático e a qualidade da docência.**/ Contar, no local onde mora, com um outro profissional que funcione como **parceiro crítico**, isto é, alguém interessado em dialogar e pensar junto, problematizar, analisar possibilidades, ajudar a refletir sobre as inquietações produzidas pela experiência de alfabetizar./ **Ter disponibilidade para refletir, por escrito, sobre a própria experiência com alfabetização inicial**, em cartas endereçadas a mim – não precisam ser cartas longas, rebuscadas, irretocáveis, mas sim cartas sinceras sobre o que pensa e faz./ **Contar com acesso à internet**, tanto para o envio de e-mail e para assistir pequenos vídeos, como para compor um grupo específico do Facebook./Não ter participado da primeira versão do curso, em 2016. (SOLIGO, 2017¹, n.p.).

Como não era formada e nem atuava em sala, enviei uma carta via e-mail para a Profa. Dra. Rosaura explicando o motivo de querer fazer parte do curso. E ela me respondeu que me aceitaria no curso, mas com uma condição: eu precisaria ter uma professora formada e efetiva

¹ Disponível em: <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2016/12/06/aberta-a-lista-de-interessados/>. Acesso em 19 jun. 2017.

na rede pública de ensino como minha parceira crítica. Assim, comecei a buscar professoras formadas e atuantes no 1º e 2º ano, mas as professoras que entrei em contato não se interessaram pelo curso. Conversando com minha parceira/amiga Jane Regina, Professora da Educação Infantil, com quem trabalhei no Pibid em 2014 e 2016, ela logo se interessou e me deu a esperança de iniciar o curso. A Profa Rosaura nos aceitou e realizamos o curso.

O curso realizado foi de extrema importância para a concretização do conhecimento adquirido na academia, do que é trabalhar com textos reais e que estão ao alcance da criança. A importância do parceiro crítico me remete a pensar que não somos e nem estamos sós. Precisamos sempre de alguém ao nosso lado que sabe mais, que possui mais experiências para que possamos aprender, e isso também ocorre na formação da criança, como veremos no decorrer do trabalho apresentado.

Portanto, um professor que faz o contrário do que está posto vai contra as normas tradicionais, como a formadora Rosaura Soligo explicou em uma de suas cartas² enviadas durante o Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas - CformA:

Em uma escola orientada pela concepção de que os alunos constroem seu próprio conhecimento e precisam desenvolver autonomia e responsabilidade de estudantes é esperado que eles realizem as atividades propostas como lhes for possível, que justifiquem os procedimentos utilizados ao invés de apenas dar respostas esperadas, que cometam erros, que contem com a ajuda do professor, que circulem pelo espaço, que expressem opiniões, que contestem, que interajam com seus pares... – normas incomuns na educação tradicional. (Professora Rosaura, carta recebida em 2017)

Sendo assim, nessa pesquisa pretendo investigar se as dificuldades e resistências vão além da formação inicial, se estão ligadas à falta de preocupação dos professores com a busca por resultados diferentes, ou a não compreensão da capacidade da criança em aprender, o que dificultaria entender suas reais necessidades de aprendizagem.

A metodologia do trabalho

A partir da abordagem qualitativa que envolveu análise bibliográfica de autores que versam sobre alfabetização por meio de textos, pesquisa de campo, em uma escola municipal em Campo Grande/MS, e documental, por meio das cartas escritas no decorrer do curso CformA, tendo como fontes textos que tratam da alfabetização e da importância dos

² Usarei durante o trabalho excertos das cartas ou mensagens recebidas ou enviadas durante o referido curso, tanto da professora Rosaura como da minha parceira crítica. Para referenciá-las, colocarei o nome da autora da carta/mensagem e o ano em que foi recebido. No caso da professora Rosaura, quando forem textos de obras, artigos, etc. ela será referenciada como tradicionalmente se faz, pelo último sobrenome e ano da publicação.

conhecimentos sobre a linguística e o letramento no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, bem como da questão dos métodos de ensino para alfabetizar e das metodologias de ensino como instrumento de trabalho que abre possibilidades de ampliar o fazer na prática docente neste processo de escolarização, colocando a prática pedagógica em evidência nesse contexto.

Contribuições da pesquisa

O estudo busca contribuir com aspectos que estimulem a reflexão sobre a alfabetização e os métodos de alfabetização, sobretudo aos novos educadores, a fim de que possam, por sua vez, contribuir para a formação de aprendizes pensantes e criativos, alunos que almejem o conhecimento e que compreendam a importância de saber. Espero, assim, que o estudo amplie os conhecimentos sobre a necessidade de mudanças nas formas de ensino, de modo a constituir um ambiente escolar em que haja produção de saberes, superando o sistema “bancário”, em que se concebe que o professor possui a função de “depositar” conhecimentos que o aprendiz apenas receberia: “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2005, p. 68). Soligo (2003) entende que o problema da alfabetização no Brasil não está restrito à formação inicial dos professores, mas também às políticas de formação que pouco contribuem para a transformação na prática da alfabetização, pois não têm conseguido modificar os conceitos consolidados a ponto de modificar a prática nas salas de aula.

O educador contribuirá para a formação de suas crianças quando propuser desafios que consigam ultrapassar, levando para o ambiente escolar propostas de ensino que considerem o letramento e a ampliação do conhecimento acerca do meio em que vivem. Espero que a contribuição do presente estudo seja provocar reflexões sobre a necessidade de modificação das práticas para que seja respeitado o direito de todas as crianças de se apropriarem do sistema de escrita alfabética, ou seja, seu direito à alfabetização e ao letramento.

1 A LEITURA E A ESCRITA NA SOCIEDADE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Todos os livros ainda estão para serem lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas; nós mesmos ainda não fomos lidos (LARROSA, 2002).

Penso que a leitura é fundamental para a vida humana, ela nos abre oportunidades de conhecimento, nos mostra um mundo desconhecido que está para ser prestigiado. Leitura e mais leitura. Não se sabe ao certo quando a leitura e a escrita surgiram. No entanto, os estudos de Cagliari (1998, p. 13) apontam que “[...] a escrita é um fato social [...]” e que “[...] quem inventou a escrita foi a leitura [...]”, pois por meio de desenhos surgiram os seus significados, despontando a leitura. Para o autor, "De acordo com fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marca, em cajados ou ossos, [...] ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los." (CAGLIARI, 1998, p. 14).

Isso evidencia que as pessoas se comunicavam por meio da escrita, e a alfabetização foi se concretizando junto com o desenvolvimento da escrita ao longo do tempo. Na antiguidade, as pessoas eram alfabetizadas por meio da memorização de textos prontos e cópias,

O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização [...]. Muitas pessoas aprendiam a ler sem ir para a escola, já que não pretendiam tornar-se escribas. [...] A alfabetização, nesses casos, dava-se com a transmissão de conhecimentos relativos à escrita de quem os possuía para quem queria aprender. (CAGLIARI, 1998, p. 15).

Com mudanças ocorrendo na sociedade, houve-se a necessidade de alfabetizar a muitos para o trabalho, surgindo o alfabeto, “[...] quando os gregos passaram a usar o alfabeto, aprender a ler e a escrever tornou-se uma tarefa de grande alcance popular.” (CAGLIARI, 1998, p. 17).

Ao emergir novas palavras, a escrita foi-se modificando, “[...] não bastava saber o alfabeto, seu princípio acrofônico e a ortografia. Era preciso, ainda, saber a categorização correta das formas gráficas [...] estabelecer uma ortografia e ensinar o povo a escrever nas línguas vernáculas, deixando de lado cada vez mais o latim.” (CAGLIARI, 1998, p. 19).

Para o ensino da leitura e da escrita, foi criado “[...] um livro de alfabetização em que as lições vinham acompanhadas de gravuras para ajudar e motivar as crianças para o estudo” (CAGLIARI, 1998, p. 20), o que veio a ser denominado posteriormente de "cartilha".

A partir da Revolução Francesa e com o surgimento da escola moderna, baseada na proposta comeniana de ensinar “tudo a todos”, emerge o ensino mútuo, que atendia às necessidades da sociedade que estava sendo formada e que demandava uma mão de obra com conhecimentos básicos sobre a leitura e a escrita.

A cartilha despontou para priorizar e dinamizar o conhecimento de forma rápida e manufaturada. No entanto, apresentava a aprendizagem do sistema de escrita alfabética de forma fragmentada, priorizando os métodos sintéticos, nos quais se concebe que o ensino deve partir dos elementos mais simples para os mais complexos, das partes para o todo, focalizando a decodificação em detrimento da apropriação da escrita.

Ora, a criança não aprende a falar de forma fragmentada. Então, por que é necessário que aprenda dessa forma? As pesquisas de Cagliari (1998), que tece críticas ao método sintético utilizado nas cartilhas, apontam que o professor necessita buscar meios e recursos que contribuam para desenvolver o conhecimento da criança sobre o sistema de escrita, com a utilização de metodologias inovadoras. Para o autor, “A maneira como as cartilhas lidam com a fala e a escrita confunde as crianças, uma vez que passa a ideia de que a linguagem é uma ‘soma de tijolinhos’, representados pelas sílabas e unidades geradoras.” (CAGLIARI, 1998, p. p. 82).

Os métodos sintéticos não contribuem, portanto, para que a criança aprenda a ler de forma completa, pois partem do princípio de que a leitura consiste na mera decifração de um código, e que a aprendizagem da leitura, por meio de palavras descontextualizadas, precederia a leitura de textos encontrados cotidianamente na sociedade, como em jornais, revistas, convites, panfletos, entre outros.

A cartilha utiliza palavras fora de seus contextos e enfatiza a fragmentação em sílabas e letras. “Outro problema sério que o método das cartilhas (o bá-bé-bi-bó-bu) traz é o uso da silabação a todo instante. Tudo gira em torno da silabação. Isso faz com que a criança passe a pensar que, para ler, é preciso silabar [...]” (CAGLIARI, 1998, p. 85).

Com o avanço dos estudos sobre o letramento, porém, passou-se a compreender as limitações da cartilha e livros didáticos no trabalho de alfabetização, uma vez que estes não abarcavam as situações sociais de uso do texto escrito. Nessa perspectiva, começou-se a considerar que a escola precisa apresentar o mundo da escrita para as crianças nas diversas fases da vida, para que elas compreendessem a sua função e percebessem que ler e escrever é muito mais que aprender o funcionamento do alfabeto, é descobrir novos mundos e oportunidades e tecer novos horizontes.

Portanto, quando se fala em alfabetização é importante que se pense em disponibilizar no contexto escolar textos diversos para conhecimento da criança sobre a pluralidade da escrita e sua importância no meio em que vive, o que evidencia a importância do conhecimento sobre a linguística para os profissionais que trabalham com a alfabetização e do letramento. Melhorar o atendimento nas escolas implica compreender as informações capazes de orientar o desenvolvimento da alfabetização, ou seja, compreender o processo de aquisição da leitura e da escrita por parte da criança.

Morais (2006), ao problematizar o porquê de se ter perdido o foco nos métodos de alfabetização, busca elementos que fazem refletir sobre a importância de conhecer melhor o construtivismo trazido por Emília Ferreiro e Ana Teberosky no livro “A psicogênese da língua escrita” (1999), e de como esse conceito foi mal interpretado por mestres e estudiosos ao longo do tempo.

Para o autor, os professores, muitas vezes, tentam seguir as orientações de livros didáticos ou cartilhas, bem como as determinações de políticas públicas educacionais, sem saber exatamente o porquê de suas ações, e acabam por recorrer aos métodos que entendem que sejam melhores, como o de silabação e o fônico, que, ao invés de formar aprendizes pensantes, formam estudantes que se adaptam ao meio e reproduzem o que a escola determina.

Morais (2006) explica que o método fônico obteve muito sucesso em países ricos, pois havia todo um ambiente e profissionais preparados para estabelecer tal método, o que não ocorreu muito bem aqui no Brasil, por falta de material, ambiente, capacitação profissional e outros. Dessa forma, entendo que a formação docente deveria propiciar ao professor condições de dialogar sobre as metodologias de ensino, discutir sobre qual método ou quais métodos se adequam melhor à sua sala e às situações de ensino e aprendizagem que vivenciam, a fim de escolherem com autonomia e a partir de uma sólida base teórica as suas ações didáticas.

Para tanto, é preciso que os professores conheçam as diferentes metodologias e suas bases teóricas, para assim analisá-las com um olhar crítico, estudar, vivenciar e tomar uma posição sobre o que estudiosos da área divulgam em suas pesquisas, e não apenas aceitar o que está posto e acreditar que se funciona para um, vai funcionar para todos.

No artigo *A reinvenção da alfabetização*, Soares (2003) evidencia que há duas vias de acesso ao mundo da escrita: por meio do aprendizado de uma “técnica” de alfabetização e pela utilização dessa “técnica”. Segundo a autora,

[...] aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. (SOARES, 2003, p. 15)

Para Soares (2003, p. 16), é importante que o professor tenha em mente que a alfabetização e letramento andam juntos e são indissociáveis, e que um não é pré-requisito para outro: "[...] a alfabetização, aprendizagem da técnica, domínio do código convencional da leitura e da escrita e das relações fonema/grafema, do uso dos instrumentos com os quais se escreve, não é pré-requisito para o letramento." A alfabetização e o letramento, portanto, precisam ser trabalhados juntos, visando formar leitores ávidos.

O letramento pode ser trabalhado em sala com atividades que motivem o uso da escrita e da leitura no dia a dia, por meio de propostas educativas a partir da vivência real da criança, como o uso de rótulos de embalagens, panfletos, livros infantis, revistas, gibis ou outros materiais que possam, com a mediação do professor, serem objeto de discussão, fomentando a importância do saber, da escrita, da leitura.

Contudo, para tratar da alfabetização é preciso entender um pouco a linguística. Visando refletir acerca de possibilidades no processo de aprendizagem da leitura e da escrita na primeira etapa do ciclo básico do ensino fundamental, destaco o livro “Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu” (CAGLIARI, 1998) e obras que se referem ao trabalho de textos em sala de aula, buscando compreender a linguística e o letramento nesse meio.

É importante entender a linguística no curso da alfabetização, já que ela é a ciência que estuda a linguagem humana. Ferdinand de Saussure (1857-1913) é considerado o pai da linguística moderna. A linguística foi concebida como ciência a partir de 1916, no século XX. Para Saussure a língua é um sistema social de possibilidades, e a fala é um ato concreto, individual. A norma é uma convenção social.

A língua é um sistema social e acompanha a sociedade. A todo tempo sofremos influências linguísticas, seja de pessoas, lugares, ou até mesmo da tecnologia que está em evidência em nossos dias. A língua é a nossa identidade. É por meio dela que nos comunicamos e nos expressamos. A linguagem é uma forma de interação, é instrumento de comunicação. Com a língua o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromisso e vínculo.

Estudar a língua é tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que precisam ser preenchidas por um falante para falar da forma que fala em

determinada situação concreta de interação. A linguística faz parte da nossa cultura e entendê-la é essencial para a alfabetização.

Sobre a variação linguística, Cagliari (2005, p. 73) enfatiza que "A variação linguística não mostra erro algum de linguagem, nem para o indivíduo, nem para um grupo dialetal, mostra apenas que pessoas diferentes podem ter modos diferentes de usar uma mesma língua."

Ao entrar na escola a criança tem uma forma de falar. E o aprendiz precisa entender a dinâmica da escrita. Cada criança pensa e age diferente, é assim também no decorrer da alfabetização. É preciso levar em consideração que cada um tem o seu tempo, e acelerar esse processo pode vir a prejudicar a compreensão da escrita por parte das crianças.

O método mais utilizado para alfabetizar nas salas de aula é a silabação. Isso significa que a criança tem de "desmontar e remontar" as palavras com o objetivo de descobrir e trabalhar sons e formas diferentes com sílabas. O método silábico ganhou espaço com a Cartilha de Thomaz Paulo do Bom Sucesso Galhardo, em 1880, e outras cartilhas muito utilizadas até os dias atuais em forma do livro didático. Cagliari(1998) explica o método da silabação utilizando o termo "método 1",

A técnica do método 1, na alfabetização, consiste na atividade do desmonta-e-monta da linguagem, em todos os seus níveis, de todas as formas possíveis. O método 1 considera que a melhor maneira de ensinar alguém é desmontando e remontando, ou montando coisas novas a partir de pedaços. (CAGLIARI, 1998, p. 43).

Nesse método, o importante é a memorização. É necessário que a criança decore o que está sendo posto pelo professor, o que faz com que sua capacidade de pensamento, de expressão, e sua criatividade não seja desenvolvida. O professor acredita que dessa forma irá obter resultados melhores e que em pouco tempo a criança dominará a escrita. Mas segundo Cagliari (1998) essa forma é errônea. A escola vai minando a criança, concentra-se nos erros e desconsidera os acertos.

Na avaliação o que conta são os erros e não os acertos. Como o acerto é considerado previsível dentro da perspectiva do já dominado, são os erros que irão mostrar que o aluno precisa parar e recuperar o que ainda não dominou. O problema desse método de ensino é o erro do aluno, não o que ele aprende. Isso é tão ridículo, sobretudo para as crianças na alfabetização, que elas não conseguem entender como a escola pode ser tão injusta. O aluno escreve uma história de dez linhas e, só porque cometeu dez errinhos, ganha nota cinco. E as outras coisas que escreveu certo, as outras trezentas e oitenta letras que foram escritas corretamente, e o resto que fez e fez bem, não conta? Já que errou uma palavra com J ou G, precisa fazer cópias para dominar a lição estudada, desconsiderando-se todas as demais ocorrências de J e de G que o aluno escreveu corretamente? (CAGLIARI, 1998, p. 49).

Esse método possui limitações pelo fato de negligenciar a inteligência e a capacidade da criança de ver o “todo”. Para a criança não faz sentido fazer separação de sílabas, pois na hora de se comunicar, e de se expressar, ela não fala silabando. Ao invés de mostrar partes de uma palavra, por que não ensiná-la da forma que ela é, mostrar o inteiro ao invés das partes?

O processo de alfabetização da criança se inicia a partir dos seus primeiros contatos com materiais escritos. O meio em que essa criança é recebida, o ambiente em que se desenvolve, a forma como é vista e tratada no seio familiar, se tem contato ou não com a fala e a escrita, tudo isso faz parte do processo de construção de seu conhecimento. A criança é um ser com história, com conhecimento.

Para Cagliari (1998), as coisas não são explicadas de forma clara e concisa para a criança, e isso complica todo o processo. A escola e o meio não evidenciam a criatividade, a espontaneidade, as experiências vividas pelas crianças. E isso não é levado em consideração quando se inicia o processo de alfabetização nas escolas. O professor precisa conhecer as suas crianças e compreender, analisar, observar, para poder planejar o que realmente é preciso. Buscar saber de onde essa criança veio, a qual comunidade ela pertence, para poder fazer as intervenções necessárias. Como explica o autor,

O professor precisará conversar sobre todos os assuntos, inclusive a respeito dos conhecimentos que a escola se propõe a ensinar aos alunos, para que a aprendizagem e o ensino sejam tarefas compartilhadas entre professor e alunos, através dos mais variados modos de interação. Entre outras palavras o alfabetizador conversará com os alunos, logo no início, a respeito da história de cada um, da comunidade onde vivem, dos ideais de vida, da escola, da família e até a respeito do que os alunos acham que a escrita e a leitura são nas suas mais variadas formas. Ouvir os alunos é necessário para conhecer a realidade de cada indivíduo ponto de partida do processo de aprendizagem de cada um. (CAGLIARI, 1998, p. 53).

Na alfabetização, por meio de textos, o professor precisa explorar a criatividade da turma. Levar para o contexto da sala de aula momentos de busca e compreensão da escrita e da fala por meio de objetos extraescolares, como cartas, notícias e embalagens. Dessa forma, o professor desafia as crianças.

A linguagem entra como expressão do pensamento. “A aprendizagem depende crucialmente de entender o que se quer saber, e quanto melhor e mais abrangente for esse entendimento, maior e melhor será o processo de aprendizagem.” (CAGLIARI, 1998, p. 54). O professor tem de ser sincero com as crianças, é preciso ser um mediador no conhecimento da criança. Assim como Cagliari expõe,

[...] o professor é um mediador entre o saber e o aluno. Ser um mediador, aqui, é ajudar o aprendiz a construir seu conhecimento, passando a ele as informações adequadas, explicando o que tem de ser explicado. [...] Quando o aluno erra alguma coisa, ou não sabe realizar uma tarefa, precisa ouvir do professor uma análise do caso e receber uma explicação adequada para entender o que fez ou deixou de fazer, a fim de agir corretamente nesses casos e fazer progredirem seus conhecimentos. (CAGLIARI, 1998, p. 55).

A criança aprende pela experiência e o professor o auxilia no que for preciso para suprir as suas necessidades. Assim, a criança refletirá sobre a escrita e entenderá que ler é adquirir conhecimento.

Como já fora discutido, o letramento e a alfabetização andam juntos, contudo muitos alfabetizadores não conseguem relacioná-los. Soligo (2003) em seu artigo “Variações sobre o mesmo tema: letramento e alfabetização” propõe uma reflexão sobre o que acontece no campo atual da alfabetização nas escolas.

A educação não está dando conta de formar leitores. Parece estabelecer um limite entre alfabetização e letramento, ou faz um, ou faz o outro. São poucos os professores que superam esses limites e conseguem estabelecer em seu plano uma educação com qualidade nos dois campos de conhecimento.

A autora aborda a construção de textos nas salas de aula e como é importante para as crianças, desde cedo, entrarem em contato com textos diversos, pois precisam entender e aprender a função da escrita para então se apropriarem.

[...] é perfeitamente adequado propor que os alunos produzam textos de diferentes tipos para que o professor, ou outra pessoa alfabetizada, escreva para eles: o que permite a produção de bons textos não é a possibilidade de grafá-los de próprio punho, mas o conhecimento do que se pode comunicar por meio dos textos e de como se organizam – quando não é possível ler por si mesmo, isso só se conquista através da leitura feita por outras pessoas. (SOLIGO, 2003, p. 3).

O professor deve conhecer os seus alunos e propiciar desafios que consigam resolver. A partir da pesquisa de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a criança passa a ser vista como produtora de conhecimento, pois ela produz hipóteses sobre a escrita e reconhece o que faz sentido para ela.

Soligo (2003) traz para a discussão o porquê de as crianças pobres possuírem tanta dificuldade para se alfabetizar enquanto as de classe média alta têm tanta facilidade. Mostra que enquanto a maioria das crianças da classe média alta estão, desde muito cedo, tendo contato com a escrita em suas diversas formas, as crianças da classe baixa, muitas vezes, têm

afazeres dentro de casa e algumas têm o primeiro contato com a escrita quando vão para a escola.

Por muito tempo foi posto que crianças de nível social baixo eram incapazes de aprender por conta de sua posição na sociedade. Cagliari (1998), no entanto, discorda dessa premissa:

As crianças pobres têm mais coisas para aprender, ao entrar na escola, do que as crianças ricas, por causa da história de vida de cada uma e da natureza das nossas escolas. Isso, no entanto, não deve ser confundido com falta de capacidade mental, perspectiva, motora, psicológica, ou seja lá o que for. As crianças pobres passaram a ser tachadas de deficientes, excepcionais e carentes, simplesmente porque falavam ou escreviam errado, [...]. (CAGLIARI, 1998, p. 29).

É preciso que o professor conheça as crianças e leve para a sala de aula desafios que as crianças consigam ultrapassar. O conhecimento sobre as hipóteses da escrita pode contribuir com que o professor alfabetizador crie situações de aprendizagem e leve a criança a refletir e analisar o que seja a escrita.

A escola, instituição comprometida com a democratização social e cultural do conhecimento, tem a função de garantir os saberes necessários para o exercício da cidadania. Portanto, diante das novas necessidades comunicativas do mundo atual, é sua responsabilidade promover a ampliação do letramento dos alunos, para que possam participar e compreender melhor o mundo. Mas ampliar a competência discursiva significa dominar diferentes gêneros textuais. (MELO; MAGALHÃES, 2013, p. 5).

Para dominar diferentes gêneros textuais, a criança precisa ter acesso a eles também em sala de aula. É relevante, portanto, que o professor não restrinja o contato dos alunos apenas ao que é encontrado nos livros didáticos.

No entanto, quando se fala em alfabetização há muitas dúvidas que surgem quanto ao processo de aprendizagem de crianças que estão nas escolas. Pode-se perceber isso nos altos índices de reprovação, nos anos iniciais e na formação de crianças que saem do Ensino Fundamental analfabetos funcionais.

Segundo Perez³ (2017, n.p.) “O analfabetismo funcional está relacionado com a dificuldade de compreensão de textos, muito embora o indivíduo seja tecnicamente alfabetizado”, ou seja, a criança reconhece as letras, as palavras, mas não consegue ler um texto, ou mesmo um livro, e interpretá-lo. Esse é um grande problema que atinge

³ Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>. Acesso em 29 out. 2017.

principalmente as escolas públicas do país, colocando em dúvida o que tem que ser feito na alfabetização para inverter a grave situação que assola as escolas no Brasil.

O processo de aprendizagem das crianças inicia-se bem antes da entrada nas escolas. Quando uma criança adentra os portões escolares para estudar o primeiro ano do Ensino Fundamental, é comum pensar que a partir daquele instante a criança deixa de ser criança e passa a ser um estudante, que tem de ficar sentado, quieto, comportado, para aprender o que só o professor sabe e deve ensinar. Contudo, compreendemos que a criança é,

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Sendo assim, a criança não deixa de ser criança por entrar na escola, além disso, ela não é uma “tábula rasa”⁴, que não sabe nada a respeito do que significa a escrita e a leitura, pois o processo de alfabetização da criança acontece desde o momento em que a mesma tem seu primeiro contato com qualquer material escrito.

Teberosky e Colomer (2003, p. 15) buscam mostrar as primeiras experiências das crianças com a linguagem escrita, explica a teoria condutista que divulga “[...] a ideia de que a melhor idade para se começar a instrução em leitura e escrita seria aos seis anos, [...]” ou seja, quando a criança entra na escola.

Porém, a perspectiva construtivista, “[...] a partir dos ensinamentos de Piaget, [...]” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 16), evidencia a criança como um ser inteligente que constrói conhecimento, sendo participante no processo de aprendizagem. A criança pensa a respeito da escrita e da leitura, sendo elas indissociáveis, pois “[...] a escrita, a leitura e a linguagem oral não se desenvolvem separadamente, mas [...] atuam de maneira interdependente desde a mais tenra idade. [...] a alfabetização inicial não é um processo abstrato, mas [...] ocorre em contextos culturais e sociais determinados.” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 17).

A partir dessa perspectiva, entendo que quanto mais cedo a criança possuir acesso à linguagem oral e escrita, como em livros, revistas e jornais, mais cedo ela entenderá o processo de escrita e leitura. “Em determinadas famílias, as crianças interagem com materiais

⁴Tábula rasa: expressão de origem latina que era usada para significar que se devia deixar limpa a tábua revestida de cera em que se escreviam mensagens breves, que não deveriam permanecer escritas durante muito tempo. Hoje, a expressão refere-se à falta absoluta de conhecimento sobre determinado assunto. (CAGLIARI, 1998, p. 52).

e com tarefas de leitura e escrita desde muito cedo. E essas interações provavelmente estão relacionadas e influenciam nas aprendizagens convencionais posteriores.” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 17).

Mas isso depende muito do contexto cultural que a criança é participante, pois se a família não possui o hábito da leitura, mais difícil será a criança perceber a importância do ato de ler, podendo prejudicar o seu desenvolvimento escolar futuramente. Sobre o hábito de leitura Teberosky e Colomer (2003, p. 20) enfatizam que "As leituras em voz alta para crianças pequenas, nas quais elas escutam, olham, perguntam e respondem, são um meio para que entendam as funções e a estrutura da linguagem escrita, e podem vir a ser, também, uma ponte entre a linguagem oral e escrita."

A prática de ler histórias para as crianças desde tenra idade ajuda consideravelmente na aquisição da leitura e escrita posteriormente, quando a criança estiver na escola e se deparar com um mundo novo a sua volta. Ela terá um vocabulário amplo, vai saber intervir, se posicionar, vai saber esperar, pois a leitura trabalha todos os aspectos fundamentais para a educação de uma criança. Teberosky e Colomer (2003, p. 25) fazem uma descrição das características qualitativas da leitura para as crianças: "Interação de perguntas e respostas. Participação ativa das crianças. Relação entre os objetos de duas dimensões do mundo real. Familiarização com a estrutura e a função da linguagem escrita. Familiarização com o discurso narrativo da ficção. Preparação para escutar."

A leitura também trabalha a ludicidade, a criatividade e a imaginação que afloram desde cedo nas crianças pequenas. Com a leitura valoriza-se a criança como um ser completo. O momento em que um adulto lê para uma criança torna-se mágico e único. Independente do material utilizado, um jornal, uma revista, impresso ou digital, o adulto tem que entender a importância que a leitura tem na vida e na formação integral da criança.

Contudo, percebemos que a realidade da maior parte das crianças é a falta de material impresso em seus lares. A cultura formada nos lares de classe média-baixa brasileira é a informação por meio de televisores apenas. As crianças participantes desses lares, infelizmente não possuem contato diário com a escrita e a leitura em casa, e o lugar em que encontram esse tipo de material é nas escolas.

Assim, é possível compreender por que a maior parte das crianças que se encontram em rede de ensino pública possui uma dificuldade maior nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Elas não tiveram uma base com qualidade, causando o efeito “Mateus”, expressão utilizada por Teberosky e Colomer (2003) para identificar crianças com dificuldades escolares: "O nome Mateus é uma homenagem ao evangelista Mateus, que foi o

primeiro a chamar a atenção para este fenômeno de influência em duas direções: o efeito de que o rico se enriquece e o pobre se empobrece." (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 35).

Quanto mais acesso ao mundo da escrita a criança tiver, melhor será seu desenvolvimento pessoal e intelectual,

[...]as crianças que realizam poucas práticas de leitura têm mais dificuldades para entender textos e para produzi-los, e não obtêm tantos benefícios de suas experiências escolares. Em outras palavras, o fato de proceder de uma comunidade culta é a causa de aprender a ler "antes de receber o ensino oficial" e, ao mesmo tempo, uma consequência histórica de ter aprendido. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 36).

Já sobre a construção do conhecimento sobre a escrita, Teberosky e Colomer (2003) percebem a necessidade de evidenciar a construção da escrita por parte da criança, como ela aprende a ler e a escrever, e a perceber as relações entre a linguagem oral e escrita. As crianças começam a construir hipóteses do que seja a escrita,

Antes de compreender como funciona o sistema alfabético da escrita, as crianças começam diferenciando desenho de escrita. Dessa forma, uma vez que sabem quais são as marcas gráficas que "são para ler", elas elaboram hipóteses sobre a combinação e a distribuição das letras. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 46).

Sendo assim, a criança não cria códigos para entender a escrita, mas sim possibilidades para entender como a escrita e a leitura funcionam, elas "[...] se esforçam para encontrar regularidades de composição na escrita, sob o ponto de vista gráfico, e assim descobrem que séries de letras podem 'servir para ler'." (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 47).

Percebem, por meio da escrita, os nomes das pessoas e coisas que as cercam, nomes mais comuns a elas, e depois percebem que a escrita serve para dizer algo, comunicar, lembrar, e assim vão se apropriando do mundo da escrita. A autora discorre sobre as fases da escrita infantil, a pré-silábica, silábica e silábica alfabética.

Quando a criança se encontra na escrita pré-silábica, ela não faz associações de sons com a escrita, "[...] as crianças, nesta etapa, escrevem uma série de letras e depois leem-nas sem fazer nenhum tipo de análise" (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 69). Na escrita silábica a criança, comumente, percebe o som das vogais, reconhecendo as sílabas das palavras. E na escrita silábico-alfabética a criança representa as palavras por meio da escrita.

Ao início do processo de alfabetização é muito importante que o professor disponibilize atividades individuais e em grupos que desenvolvam a percepção das crianças

sobre a escrita e a leitura, pois “[...] o desenvolvimento e a aprendizagem são processos de construção de conhecimentos, mas é evidente que essa construção não ocorre por acaso, mas em um contexto social, na interação com outros participantes.” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 77).

Na perspectiva construtivista, o professor entende que a criança constrói seu conhecimento com a escrita por meio de textos diversos, bem como por mediação do adulto e nas relações sociais que a cercam,

O professor tem, além disso, a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativo, rico em relações sociais: atividades de leitura e escrita compartilhadas, situações de discussão e argumentação... elementos essenciais para a co-construção do conhecimento. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 78).

A criança não precisa de atividades que a “habilitem” a escrever, desde cedo o professor tem como dever disponibilizar atividades que a desafiem, o professor “[...] é, em suma, quem trabalha na **zona de desenvolvimento proximal** da criança [...]” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 78, grifo das autoras). O professor busca desafios que a criança consegue ultrapassar para construir o conhecimento. Para o professor isso significa “[...] não esperar até que a criança ‘esteja madura’ ou preparada para começar o ensino, mas, ao contrário, quer dizer que o ensino pode fomentar o desenvolvimento.” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 79).

A leitura e a escrita tem que fazer parte do currículo na educação infantil. É recomendado que a criança desfrute momentos de leitura e de escrita, com a mediação do professor e a partir do respeito pelo tempo de cada criança. A criança deve entrar no mundo da escrita por meio de jornais, revistas, livros, informativos, cartas, receitas, etc. Diferentes tipos de materiais escritos tem que fazer parte do cotidiano das crianças, para que elas se apropriem da escrita,

O ponto de referência do currículo de leitura e escrita é duplo: o processo de construção por parte da criança e as práticas escritas da sociedade onde vive. Com essa dupla referência, pretende-se não apenas ensinar a ler e a escrever, mas, também, ensinar as diferentes maneiras de ler e de escrever adaptadas às exigências atuais dessa sociedade. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 88).

Portanto, pode-se perceber com tudo o que foi discutido que a raiz do problema que as escolas confrontam atualmente vai além das dificuldades que as crianças enfrentam. É a formação profissional, é como o professor enfrenta as dificuldades em sala de aula, como se

relaciona com as crianças, se acredita ou não em seu potencial, examinando o contexto em que se encontram suas crianças, pesquisando meios de poder fazer um bom trabalho.

Nesse sentido, no segundo capítulo verso sobre o Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas – CformA que realizei no ano vigente com o objetivo de conhecer e entender a prática do professor alfabetizador, em sala, por meio de textos. Questiono: ora, se esse método é eficaz e dá certo, por que os professores relutam tanto em deixar o método tradicional de lado e se dedicar ao trabalho com textos? Como eu, professora alfabetizadora, poderia trabalhar com textos em sala? Como se faz? Quais os cuidados necessários com essa prática? Por onde devo começar? Por onde devo seguir? Muitas eram as perguntas, os medos, os anseios. E foram essas perguntas que me motivaram a realizar o curso e compreender realmente o trabalho com textos na alfabetização.

2 O CURSO DE FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORAS VIA CARTA (CformA): PARCERIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A PRÁTICA ALFABETIZADORA

Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa! Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois a audácia, calúnia, fúria, derrota... (MEIRELES, 1985).

As palavras fazem parte da vida, é por ela que nos relacionamos, compreendemos o mundo a nossa volta. As palavras nos cercam e por elas nos expressamos. Sendo assim expresso, por meio delas, o quanto cresci e aprendi ao longo dos quatro anos de muito estudo e aprendizado. Quando iniciei o curso de graduação em Pedagogia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) não imaginava o quanto isso afetaria a minha visão de mundo, as minhas crenças, os meus valores. Achava que no curso aprenderia a didática de dar uma boa aula, que aprenderia a cortar, recortar e produzir grandes murais bonitos, de "sejam bem-vindos", "aniversariantes do mês", "ajudante do dia", para as crianças que seriam meus alunos. Quanto engano! Até o momento, espero as aulas de recortar e colar! Meus colegas de turma entendem perfeitamente o que digo!

Desde a primeira disciplina, tive que (re) aprender a ler e a escrever, aprender as normas da escrita científica, ampliar a visão do local para o geral, do individual para o universal, entender que o respeito ao próximo, independe do que eu acho ou deixo de achar, deve existir. Devo respeitar, mesmo quando não concordo!

Conheci o mundo da academia, e como é difícil permanecer nele! No meu primeiro ano ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), na Educação Infantil, e tudo o que sei sobre essa etapa da educação aprendi com minha conselheira, a querida Profa. Dra. Vera Lúcia Guerra.

Mas faltava uma parte, a alfabetização. O anseio por essa disciplina surgiu no meu segundo ano, quando realizei o Estágio Curricular Supervisionado II, que faz parte da grade de ensino do curso, sendo orientada pela Profa. Dra. Vilma Miranda de Brito. Cumprí uma parte da carga horária em uma turma de 4º ano na Rede Estadual de Ensino, na qual a maioria das crianças não havia consolidado o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Então, foi nesse momento que decidi o tema do meu Trabalho de Conclusão de Disciplina (TCC), a Alfabetização. E minha orientadora, Profa. Dra. Eliane Greice, conhecendo a minha aflição, indicou-me o curso "Curso de Formação de Alfabetizadoras Via Cartas (CformA)", oferecido pela Profa Dra. Rosaura Soligo.

Como já narrei, para fazer parte desse curso a professora interessada deve ser formada e efetiva na rede pública de ensino e estar atuando na primeira fase do Ensino Fundamental, ou seja, lecionando para o 1º ou 2º ano. Como eu não me encaixava nesse perfil, escrevi à Profa. Rosaura explicando o motivo de querer fazer parte do curso, e ela abriu uma exceção, com a condição de que uma professora formada e efetiva na rede fosse minha parceira de curso, uma vez que nesse curso há inscrição por pares, um deles atuando como parceiro crítico.

Foi a Jane, professora da Educação Infantil que conheci no Pibid quem aceitou ser minha parceira crítica. Ela, como professora, trabalha com textos diversificados com as crianças na sala de atividades. Durante a realização do curso, foram ao todo 13 cartas, nas quais a formadora narrava sobre a importância de se alfabetizar as crianças por meio de textos reais, buscando meios e atividades que desafiassem as crianças para que construíssem o próprio conhecimento.

O objetivo da parceira crítica, adotada no formato do curso, é de que esse parceiro deveria estar presente nas discussões, trabalhando em dupla para concretizar e construir o conhecimento. De fato, os adultos também constroem o conhecimento, nas vivências, experiências, nas relações e interações com o outro. E assim ocorreu conosco, aprendemos muito e entendemos a necessidade de fazer diferente, de ir contra a correnteza que às vezes nos arrasta e trabalharmos para uma educação ampla e de qualidade para as nossas crianças.

O curso é ofertado para várias regiões do país, porém como a Profa. Dra. Rosaura reside em apenas um estado brasileiro, não pode acompanhar cada pessoa interessada. Portanto precisa-se de um parceiro para realizar o curso, um parceiro crítico que entende essa perspectiva de ensino, que ajudará na construção do conhecimento do/a professor/a alfabetizador/a iniciante nessa prática. Foram 22 professoras inscritas, no CformA/2017, com número igual de parceiros críticos (sendo três deles homens), totalizando em 44 participantes espalhados pelo país.

O curso por cartas foi fundamental para a concretização da minha formação na área de alfabetização. Foi nele que os ensinamentos da disciplina de “Alfabetização e Letramento” do curso superior, ministrada pela Profa. Dra. Vera Lucia Guerra, fizeram realmente sentido e compreendo essa formação mais ampla e completa que nós, profissionais da educação devemos propor para as nossas crianças.

As cartas escritas pela Professora Rosaura tratavam de assuntos peculiares que interferiam diretamente na atuação do professor em sala de aula, contribuindo para que o ambiente escolar fosse agradável e cooperativo, tanto para a criança quanto para o professor.

Elas revelam que o trabalho pedagógico realizado com crianças, jovens e adultos vai além da transmissão de conhecimento por meio de materiais didáticos. É um trabalho diário que tem por objetivo conhecer a criança e o meio em que vive a fim de propor desafios que possam ultrapassar, tendo como base o conhecimento já construído.

Ser professor é pensar em uma formação integral que rompe os muros escolares, é enxergar o aluno como um ser que pensa e que constrói o seu conhecimento por meio das interações cotidianas, refletindo sobre as ações pedagógicas.

Nesse sentido, é preciso considerar a formação docente, o contexto social em que acontece, as situações criadas nas aulas, o ambiente escolar, a família. São questões que interferem no processo educacional de cada criança, jovem ou adulto.

A formação do professor o guiará nos caminhos a trilhar com as suas crianças. Para tanto, é preciso avaliar o conhecimento que se tem e colocá-lo em prática, sempre avaliando os resultados alcançados para então prosseguir.

A atitude da criança diante dos desafios lançados pelo professor interfere na construção de novos conhecimentos. Se acreditar que não é capaz de ultrapassar as dificuldades e resolver os problemas, é provável que não conseguirá seguir em frente. Portanto, o professor deve ser um motivador e alcançar a confiança do aluno para que esse tenha a autoconfiança necessária no lidar das aulas.

O contexto social em que a criança vive deve ser levado em consideração, tendo em vista a interferência em seu aprendizado. A criança deve ser aceita pelos colegas e professor apesar das dificuldades que possuem.

A escola deve ser um ambiente motivador, que leva o aluno a pensar em seu papel social. A família deve acompanhar esse processo, e a escola incentivar o contato direto com os familiares das crianças.

O educador deve compreender o seu papel em sala, procurando refletir sobre o planejamento e ações no cotidiano escolar, proporcionando um ambiente educativo facilitador para que os alunos possam desbravar novos conhecimentos. O relacionamento do professor para com as crianças deve ser de confiança, cooperação e sensibilidade para entender e conhecer as reais necessidades de cada aluno e assim cumprir o dever de ensinar a todos.

Com as leituras realizadas no curso compreendi o real valor de ser um educador: pensar em cada criança com suas dificuldades e planejar ações que possam valorizar as crianças e o conhecimento que possuem.

Os princípios pedagógicos orientam professores (as) nas tomadas de decisões ao lidar com as crianças em processo de alfabetização. O que se pode perceber é a dificuldade que se tem em colocar em prática o que se sabe na teoria.

Ao conversar com professoras alfabetizadoras da rede pública de ensino no local onde trabalho, elas entendem que o processo da escrita e da leitura é uma construção diária, e alfabetizar por meio de textos seria ideal. Contudo, na prática, tendem a usar o método silábico, correspondência entre sons e letras, que, conforme as pesquisas da área, possuem limitações e não oferecem resultados qualitativos, porque se assim fosse não haveria tantos problemas na alfabetização, que tem formado leitores funcionais. Os professores (as), em sua grande maioria, não consideram a teoria na prática, apesar de tantos estudos referentes ao assunto.

Por isso a importância de grupos formadores que consideram importante o ler para escrever, nos quais professores compartilham experiências que deram mais do que certo no que se refere à formação de crianças leitoras.

Em minha experiência com crianças, ainda que breve, por meio dos estágios e do Pibid, entendo que uma das formas de se evidenciar a criança e o que ela sabe do que é ouvi-la, planejando ações que contemplem o conhecimento que possuem, partindo para a construção de novos aprendizados. Entendo que só assim podemos fazer a diferença na formação das crianças no processo de alfabetização.

Sendo assim, consigo entender as dificuldades encontradas por professores, seja social, cultural, de formação. Porém, como professores devemos sempre buscar novos conhecimentos e colocá-los em prática no cotidiano pedagógico. Não basta saber, devemos pôr em prática o que estudamos.

Quanto as impressões que tivemos ao ler as reflexões dos colegas de curso, em uma das cartas enviadas pela Profa. Rosaura, onde reuniu as principais dúvidas e anseios compartilhado com todos, foi de que não estamos sós. As dúvidas, os anseios, as dificuldades em entender o processo de se trabalhar com textos em sala de aula não são só minhas, mas de muitos colegas que, assim como eu, buscam ajuda e novos suportes para conhecer, entender e aplicar no dia a dia atividades desafiadoras com as crianças.

Perceber que não estou sozinha nesse caminhar formativo me motiva a buscar sempre novos propósitos e conhecimentos. Aprendi muito com o que li sobre as dificuldades que os colegas de curso enfrentam diariamente em sala, mas principalmente de saber que, apesar das dificuldades, estou no caminho certo, pois tenho buscado novas (in) formações, estratégias para melhorar a educação na escola em que atuo.

Entendo que a criança pensa sobre aquilo que aprende. Ela não é uma esponja que absorve a informação e reproduz. A criança cria, interage, formula ideias acerca do que vê, do que ouve e do que fala. E isso evidencia que são seres pensantes, discutem e debatem para então chegar a uma conclusão e ao aprendizado.

No decorrer da segunda carta que nos enviou, a Professora Rosaura gravou um vídeo⁵ discutindo e esclarecendo alguns pontos sobre o porquê do trabalho com textos ser importante. Destaquei alguns pontos do vídeo que chamaram a minha atenção e da minha parceira crítica Jane:

***Silabação, aprendizado técnico, por letra e som**, utilizado nas escolas, apesar de tantos estudos realizados até o momento.

***Garantir desafios, práticas ajustadas às necessidades** das crianças, ou seja, propor situações problemas, que elas consigam realizar. E para tanto, nós professores precisamos conhecer as nossas crianças e descobrir o que elas sabem para então propor novos desafios, criando assim, momentos ricos de aprendizagem.

***Não descaracterizar as práticas sociais**, no contexto social em que a criança vive. Sem descaracterizar sua realidade.

***Garantir interação entre as crianças**, formando duplas, ou grupos, em que elas aprendam umas com as outras.

***Práticas de leituras de textos da vida, do mundo**, com o trabalho com textos reais, do cotidiano, do dia a dia. Levar para a sala de aula o que se vê fora dela.

***O que nós lembramos é o que faz sentido para nós, o que faz sentido é possível de memorizar**. Nesse ponto, buscamos refletir que o que faz sentido para a criança é o que ela realmente aprende, ou seja, brincando, interagindo com o outro, com o mundo, ouvindo e lendo histórias reais, como também contos e diversos gêneros textuais.

Com o curso, percebi que a alfabetização não é treino, repetição e memorização. É a descoberta de um mundo real, o mundo em que vivemos, produzimos, interagimos, nos expressamos por meio de palavras faladas e escritas, atos, gestos, etc. Então, por que pensar que a criança não é capaz? Que tem dificuldades maiores de aprender?

No vídeo em questão, a formadora Rosaura dizia que é preciso olhar para fora da escola e para dentro de nós mesmos, buscar na vida momentos em que utilizamos os conhecimentos que se aprende na escola, pois só assim poderemos alcançar uma educação

⁵ Disponível apenas para os participantes do curso, com proibição de reprodução em outro contexto,

melhor e de qualidade para as nossas crianças. E, para que isso ocorra, precisamos de planejamento, ação e reflexão, mudar o que não deu certo e melhorar o que deu.

A leitura da carta 3 do curso me fez pensar no papel da parceria pedagógica em todo o processo formativo. Penso que não somos e nem estamos sós. Portanto, precisamos de alguém para partilhar as experiências, os anseios, as dúvidas, etc. E realmente entendi a proposta do curso com um parceiro crítico. Confesso que havia muitas dúvidas a respeito, mas o curso esclareceu muito.

Jane e eu moramos na mesma cidade, contudo em bairros distantes. Como são difíceis nossos encontros, conversamos por meio de e-mails, WhatsApp e ligações. Em uma de nossas conversas sobre o assunto de uma das cartas, expus a ela a minha real preocupação e dúvida. Por que é tão difícil alfabetizar com textos? Eu não entendia o porquê de tanta dificuldade por parte do professor para pensar em um ensino completo, com textos reais, que fazem a criança pensar e resolver o problema. Em sua resposta, durante o curso, Jane expôs sua percepção sobre minhas inquietações:

É um processo que demanda estudo, tempo, estudo, pesquisa, reflexão. E do outro jeito é mais fácil. Já está pronto. Pensar em atividades desafiadoras não é fácil. Trazer textos significativos demanda estudo, conhecimento, para saber o porquê trabalhar de um jeito e não de outro. Às vezes, o professor não tem bem definido a perspectiva filosófica. E o conhecimento que as professoras possuem é dos cursos de formação da Semed [Secretaria Municipal de Educação]. Muitas vezes as professoras não vão atrás de outras leituras, não são pesquisadoras. Eu tenho ainda dificuldades de avançar no processo pois dei uma parada nos estudos. O que pode contribuir para as professoras, que se encontra em sala de aula, é a troca de informações, com outros colegas e discussão da prática, sob a luz da teoria. (Professora Jane Regina, 2017).

Comecei a entender sobre o que a formadora Rosaura propunha em suas cartas, sobre desafios e agrupamentos. Uma atividade desafiadora para toda a turma pode não atingir o objetivo se o professor não conhecer o aluno, o ponto de partida. E entendo que não deve ser realmente fácil. Uma professora alfabetizadora com até 30 crianças em sala às vezes não consegue organizar atividades desafiadoras tendo que trabalhar muitas vezes em mais de um período.

Sobre os agrupamentos, o curso enfatizou que se deve primeiro conhecer cada criança, para depois organizá-las com parceiros (as) que vão desafiá-los (las) também. Isso ajuda no processo de alfabetização das crianças, da mesma forma com que nós precisamos de uma parceria na formação continuada.

Acredito que o processo de alfabetização demanda tempo, organização, estudo, (in)formação adequada. E muitos professores não encontram essas informações na academia, e acabam organizando suas aulas a partir daquilo que acreditam ser o melhor. Porém, esse não é o caminho. O lidar diário pedagógico nunca foi fácil. Portanto, os educadores precisam pensar em fazer o possível para alcançar essas crianças de uma forma real e significativa.

Jane, minha parceira, consegue trabalhar muito bem essa questão de textos, músicas, ouvir o que as crianças tem a dizer. Trabalhamos juntas no Pibid e conheci um pouco do seu trabalho. É claro que há muitas dúvidas, anseios, assim como todos que trabalham na área educacional. Em uma de nossas discussões durante o curso, recebi o seguinte e-mail:

Pensando no que aparece no vídeo, nos fragmentos das cartas das parceiras de curso, mais uma vez percebo que trilhamos no caminho certo, com atividades significativas relacionadas a textos de circulação e uso social, podendo ampliar os horizontes das minhas crianças, entretanto, percebi após a leitura da carta 3, que ainda estou muito ligada a questionamentos com os pequenos sobre as letras, enfatizando principalmente e inicialmente o conhecimento das letras iniciais e finais e não incentivando a análise da palavra como um todo. Dei-me conta que preciso conhecer mais profundamente o que e como pensam minhas crianças para poder intervir, para poder formar as parcerias produtivas e avançar no processo de letramento e alfabetização. E para isso acontecer os estudos mais aprofundados se fazem necessário, além de fazermos nossos próprios registros, de nos questionar antes de questionar as crianças, um processo difícil, mas possível. (Professora Jane Regina, 2017).

Nessa perspectiva, para a professora Jane é importante que o professor procure sempre buscar dar o seu melhor, conhecer realmente quem é, o que quer e o que irá fazer para alcançar o objetivo esperado. A formação não acaba ao final da licenciatura, mas continua diariamente, pois se aprende a cada dia nas interações sociais e nas situações ímpares que ocorrem no exercício da profissão.

A professora Rosaura relatou, em uma carta, que ministrou um curso intensivo de 80 horas para as professoras de uma certa escola, e quando retornou para ver o processo de aprendizagem por parte das professoras, elas estavam fazendo sondagens para ver em qual hipótese de escrita se encontrava as crianças para depois agrupá-las seguindo o critério de juntar pares de "alfabéticos" e pares de "não alfabéticos". A professora Rosaura narra: “[...] consegui controlar o desmaio (risos)”. Quando eu li a carta, achei engraçado porque sem as discussões com a formadora e colegas do curso eu iria fazer a mesma coisa! Mas, a partir dos conhecimentos compartilhados, não somente dos acertos como também dos erros, foi possível refletir sobre esse processo de sondagem, avaliação e agrupamentos, e compreender o motivo de estar tão enraizado o ensino silábico.

Ao ler as cartas, confesso que pensei que formar grupos na sala de aula não era tão importante assim e que era provável que eu não o fizesse quando estivesse atuando profissionalmente. Cheguei a comentar isso com a Jane, minha parceira crítica. Então, a professora Rosaura compartilhou o relato de uma estagiária que trabalha em uma das melhores escolas de São Paulo-SP e que utiliza textos em sua prática pedagógica na alfabetização, o que me fez repensar minhas crenças.

Lendo o que ela escreveu, percebi que não é apenas possível, mas imprescindível trabalhar com grupos na sala, e que essa é uma prática que pode estar presente nas escolas, não apenas no discurso teórico, ou seja, existem professores (as) que a utilizam com sucesso. Foi inspirador ler que na sala de aula em questão as atividades expostas nas paredes possuem a autoria das crianças. Lembrei-me das aulas que acompanha na sala da professora Jane e de como ela usava as atividades das crianças para compor o ambiente e dar significado ao que faziam.

No Curso de Formação de Professoras Alfabetizadoras via Cartas pude aprender sobre práticas que não são tratadas na universidade, esse lidar diário pedagógico, a importância da sondagem, dos estudos, das leituras, por isso é tão importante a comunicação, a continuação, a capacitação após, ou durante a graduação.

O curso deu-me suporte para entender cada vez mais como acontece a alfabetização pela escrita e leitura e os motivos de certas práticas serem mais ou menos adequadas. No entanto, ele não esgotou as dúvidas e anseios, que continuaram surgindo, pois é próprio da profissão docente a necessidade constante de investimento na formação, sendo o professor um iniciante - com poucas ou nenhuma experiência como alfabetizador, como no meu caso - ou um professor que já vivenciou a experiência de trabalhar com a alfabetização no ensino fundamental e, agora, na educação infantil, como é o caso da professora Jane.

Mas, ao mesmo tempo em que é difícil esse lidar, é possível pensar no processo de alfabetizar, baseado no entendimento de que é preciso ler para aprender a ler e escrever para aprender a escrever. Essa foi a maior contribuição das cartas escritas pela professora Rosaura durante o curso. Percebi que as minhas incertezas, aspirações e apreensões são compartilhadas com todos que querem mudar a atitude na sala de aula. E um curso de formação, nessa perspectiva, faz toda a diferença na ação pedagógica com as crianças. Ver que minhas dúvidas não são isoladas, faz muita diferença. Compreendi que não estou sozinha nesse caminhar e que há mais professores buscando romper com as metodologias tradicionais com as quais fomos (a maioria) alfabetizados.

As perguntas realizadas por todos do curso e as respostas da professora Rosaura sinalizam que, apesar de tantas dificuldades na profissão docente, em relação a planejamento, a seguir ou não o que a escola manda, entre outras, quando se fecha a porta da sala as crianças estão sob inteira responsabilidade do professor que ali se encontra. E que o trabalho com textos, a partir de atividades desafiadoras, são uma alternativa pedagógica para a promoção de um aprendizado significativo.

Para tanto, é preciso que o professor perceba as crianças como seres pensantes, que buscam meios para resolver os problemas que lhes são mostrados, confiem e acreditem que são capazes de obter sucesso, independente dos problemas sociais que enfrentam. Assim, ao acreditar no potencial que elas possuem, o professor buscará meios ou ferramentas didáticas para alcançar o objetivo de alfabetizá-las com um ensino completo e de qualidade.

Nessa perspectiva, o maior desafio após a realização do curso não é o de aplicar as atividades propostas pela professora Rosaura, mas sim adotar uma postura de pesquisador, agir e interpretar e depois refazer todo o processo. Isso consiste em um grande desafio porque a conduta dos professores tende a ser pautada no tradicionalismo, e seria preciso acreditar realmente nessa forma de alfabetizar para modificar as práticas.

Em um vídeo disponibilizado no curso, foi tratado, por exemplo, por que algumas frases utilizadas no trabalho de alfabetização não fazem sentido para as crianças, ou por que a utilização de imagens ou sequências de gravuras em atividades para produção de um texto podem induzir as crianças a descreverem o que estão vendo nas imagens, inibindo a criatividade e tornando o texto mais restrito.

Com base em todas as discussões realizadas no curso e com os textos que nos dá suporte, entendi que é por meio da leitura que a criança vai realmente aprender a escrever, a produzir textos, a ser crítica, a pensar a respeito de algo. A partir dessa leitura, que pode ser feita por um adulto quando a criança ainda não se sabe ler, são geradas discussões sobre os diversos tipos de textos apresentados para as crianças. Todo esse processo é importante e fundamental para que uma criança entenda a escrita e compreenda sua importância.

Ao observar diversas aulas nos estágios que realizei, percebi que era comum os professores usarem imagens nas folhas de atividades de produção de texto, como se mostrando uma imagem para a criança ela pudesse desenvolver um texto rico em informações, ideias e críticas. No entanto, as crianças podem não entender o motivo de criarem uma história que já está representada.

No curso, compreendi que os professores devem incentivar a leitura, a criatividade, a escrita coletiva e em grupo. A avaliação da aprendizagem acontecerá, assim, por meio da

prática diária, e não por meio da escrita de frases sem nexos ou da descrição das sequências de imagens. Nessa prática diária a escrita pode ser explorada ao se escrever com a criança, discutir com ela questões e palavras, meios e formas dos diferentes tipos de linguagem, com o intuito de formar pensadores e autores de sua própria escrita.

Ainda durante o curso, escrevi uma carta⁶ à professora Rosaura sobre produção de texto, a qual compartilho aqui, nas Figuras 1 e 2:

⁶ A carta foi publicada na página eletrônica da formadora, no endereço: <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2017/08/13/carta-da-professora/>. Acesso em 29 out. 2017.

Figura 1. Carta enviada durante o curso.

13
domingo
AGO 2017

Carta da professora

POSTED BY ROSAURASOLIGO IN 2. TEXTOS FORMATIVOS, 7. ESCANINHO

≈ DEIXE UM COMENTÁRIO

☆☆☆☆☆ [Rate This](#)

Tags
Formação



Campo Grande-MS, 10 de agosto de 2017.

Profa Rosaura,

O assunto "Produção de Textos" tem me levado a pensar sobre a importância da leitura desde a tenra idade. As crianças não terão como criar bons textos se não houver repertório de leitura. Isso é tão óbvio e, às vezes, tão difícil de entender...

É como nós, adultos. Só podemos escrever bons textos se tivermos repertório para isso, leituras e mais leituras. Conhecendo várias faces de um mesmo tema, poderemos produzir bem. E nós, professores (me incluo, embora ainda seja graduanda e não tenha terminado o TCC, rs), temos o hábito de

pensar que vamos "embutir" nas crianças a capacidade de produção de textos excelentes, sem apresentar a diversidade de gêneros em seus devidos contextos – e, claro, sempre bons textos.

Compreendi perfeitamente o que disse no vídeo e na última carta, professora Rosaura, e achei pertinente compartilhar com você uma produção de texto realizada por uma criança da minha família. O garoto está no 2º ano do Ensino Fundamental, em processo de alfabetização. Na última visita que fiz, ele veio todo contente mostrar as suas provas e como tinha ido bem no último bimestre.

Comecei a olhar as provas e fui surpreendida pela proposta de avaliação da produção textual. Aconteceu exatamente como você descreve no vídeo sobre a proposta de "escrever a partir de uma sequência de gravuras": o resultado é um texto frasal em que a criança descreve o que está vendo, pois esse tipo de imagem pede descrição.

Foi justamente o que ele fez! Achei incrível...

Fonte: Rosaura Soligo, formação e outros textos (2017)⁷

⁷ <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2017/08/13/carta-da-professora/>. Acesso em 29 out. 2017.

Figura 2. Continuação da carta enviada durante o curso.

AVALIAÇÃO DE PRODUÇÃO DE TEXTO 7,0

OBSERVE A TIRINHA ABAIXO E PRODUZA UM TEXTO BEM CRIATIVO.



ELES TOMANDO BANHO BANHO VENTILADOR

O CEBOLINHA ESTÁ TOMANDO BANHO DE RIO.
 MONICA ESTÁ TOMANDO BANHO DE CHUVEIRO.
 CHAVECO ESTÁ TOMANDO BANHO DE BANHEIRA BRICADO
 NO BANHEIRO. O CASCAO ESTÁ NO VENTILADOR.
 ELE QUERIA TOMAR BANHO MAS ELE TEM MEDO DA ÁGUA
 FRIA.

2

Como você disse no vídeo, professora: "Nesse caso, o desenho rouba o principal da escrita e induz à descrição da cena e do personagem". Foi isso mesmo o que aconteceu. Ele começou a descrever o que estava acontecendo nas cenas. O professor queria a produção de um texto bem criativo e, para isso, para "ajudar", forneceu uma imagem. E o que me surpreende é que essa prática pedagógica acontece muito nos dias atuais.

É claro que, se eu não tivesse a oportunidade de fazer um curso como este, que amplia o meu conhecimento didático, não teria essa visão e é possível que fizesse o mesmo com os meus alunos futuramente. Por isso, entendo que a formação da universidade é apenas o começo. Nós, professores, devemos buscar formação apropriada se queremos fazer a diferença, mudando o que está posto há muito tempo.

Alfabetizar realmente uma criança vai além do silabar, pressupõe preparar atividades com sentido real para que aprenda, na prática, com a experiência, a escrever bem e a produzir bons textos a partir de muitaaaaaa leitura.

Entendi que não estou sozinha, que, como eu e Jane, minha parceira de curso, muitos estão buscando mudar a prática pedagógica, considerando o fracasso escolar que existe atualmente. Só temos a agradecer!

Obrigada!!!!
 Cibelle

Nota: Cibelle Evellyn M. M. A. Oliveira, graduanda da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, é cursista do **CformA – Curso de Formação de Alfabetizadoras via Cartas.**

Fonte: Rosaura Soligo, formação e outros textos (2017)⁸

⁸ <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2017/08/13/carta-da-professora/>. Acesso em 29 out. 2017.

Fiquei muito surpresa, mas muito feliz também, com o pedido da professora Rosaura para a publicação da carta, porque realmente consegui compreender o que tanto me afligia, como alfabetizar com textos e oferecer uma educação de qualidade para as minhas crianças.

Em uma carta escrita por Rosaura, uma das últimas, finalizando o curso, ela reflete sobre o uso da gramática no ensino. E, em minha opinião, foi uma das cartas mais importantes. Pois destaca os fundamentos de uma boa escrita, que é a leitura e revisão de textos diversos. Compreendi com mais facilidade a fala de Rosaura pois meus colegas e eu tivemos, em 2016, quando cursávamos o terceiro ano de Pedagogia, aulas da disciplina “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” ministrada pela Profa. Dra. Maria Leda Pinto, que nos abriu os olhos sobre a questão da diversidade literária para se trabalhar com as crianças no processo inicial de alfabetização.

Nessa disciplina, a Profa. Leda nos apresentou um livro excelente intitulado: “*E as crianças eram difíceis... a redação na escola*”, de Eglê Franchi (1984). Desenvolvido a princípio como trabalho de mestrado em Educação, na área de Metodologia do Ensino, foi transformado em livro de cunho narrativo, no qual a autora trabalha com 16 crianças da 3ª série do Ensino Fundamental em uma escola no interior de São Paulo-SP, durante quatro meses,

O trabalho desenvolvido por Eglê com as crianças foi descrito pela professora Rosaura em sua carta. A professora, à época, buscou ampliar a escrita das crianças não só pela forma correta de se escrever e de conhecer perfeitamente a gramática, mas sim por compreender a escrita pela própria escrita.

A carta foi muito bem pensada e elaborada, pois nos faz refletir sobre alguns termos linguísticos usados muito pelos profissionais de Letras, e que nós, profissionais da Pedagogia, devemos conhecer com muito mais clareza por trabalharmos com alfabetização inicial. E foi isso que a professora conseguiu transmitir na carta.

E tenho absoluta certeza de que se eu tivesse professores que pensassem e ensinassem dessa forma, nos meus anos escolares, hoje saberia muito a respeito da gramática, pois o que me foi ensinado foi a memorização da forma correta de usar verbos, advérbios, orações, etc., de forma descontextualizada. A professora Rosaura, em uma das cartas enviadas durante o curso, argumentou: “[...] é **pensando sobre a língua, e não memorizando regras descontextualizadas**, que se deve aprender suas convenções [...]” (Professora Rosaura, carta recebida em 2017, grifo meu).

Entendo, assim como Rosaura, que é por meio da escuta, da leitura, produção oral, produção de texto escrito e da análise e reflexão sobre a Língua que poderemos formar

crianças leitoras, pensantes. A carta em questão abordou elementos importantes para os professores alfabetizadores. Gostei muito da parte em que a professora analisa os textos escritos por seus alunos e faz uma devolutiva dos pontos mais interessantes nos textos das crianças, colocando em evidência o potencial que cada um possui e o que precisa melhorar. Penso que se eu tivesse esse tipo de devolutiva quando cursei o ensino fundamental e médio, poderia, possivelmente, ter produzido com mais criatividade excelentes textos.

As propostas e as sugestões de ensino abordadas no CformA enfatizam um ensino de qualidade e próprio para o início da alfabetização. Os instrumentos de registro são ferramentas importantes para o professor partir do que a criança já sabe e assim propor atividades que as desafiem e assim, construam o próprio conhecimento.

Esse curso foi de suma importância para minha formação acadêmica. Foi por meio dele que fui entendendo, compreendendo o real sentido de fazer diferente. A academia, em sua maioria, não consegue dar conta de uma formação que contemple a alfabetização nos anos iniciais por meio de textos e por que esse método é importante para o desenvolvimento integral da criança.

O professor sai dos cursos superiores sem saber muito bem o que e como fazer para alfabetizar as crianças em idade escolar. A universidade fornece a base, mas a concretização do saber só se aprenderá na prática e por meio de cursos de instrução profissional que contemplem a formação docente de um professor alfabetizador. Portanto, compreendi a importância de se alfabetizar por meio de textos e como se dá esse trabalho na prática da sala de aula.

Sendo assim, no terceiro e último capítulo relato a experiência vivida em uma Escola Municipal em Campo Grande/MS, na sala de atividades, de uma turma de primeiro ano, que possui uma professora alfabetizadora que trabalha com textos reais, contos, poemas, jornais, cartas, dentre outros. A professora que acompanhei, no período de quatro semanas, é egressa do curso de Pedagogia da UEMS e egressa do PIBID.

3 ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE TEXTOS: RELATOS DE OBSERVAÇÃO

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino (FREIRE, 1996).

Como professora compreendo que se não tiver a curiosidade, a vontade de resolver problemas, não aprendo, logo, não ensino. Portanto, tive que me colocar na busca por respostas dos anseios que me acompanhavam. E assim, como um dos procedimentos metodológicos utilizados para realizar o presente estudo foi feita a observação das aulas em uma escola pública municipal, em uma classe de 1º ano. Nesse capítulo, trago os relatos dos 8 dias letivos, distribuídos em 4 semanas, em que tive a experiência de acompanhar as aulas da professora Juliana⁹, que utiliza textos para alfabetizar.

As crianças, na chegada, formavam filas para entrar em sala, organizadas por ano escolar. Nesse momento, encontrei Fabiana, minha colega de curso da UEMS e bolsista do Pibid, que trabalha na sala de Juliana. Fabiana me apresentou à professora Juliana, muito simpática, que me recebeu muito bem. Ao entrar na sala de aula, Juliana apresentou-me às crianças e elas me receberam cordialmente, considerando que já estão acostumadas com a presença de outra professora em alguns dias nas aulas.

Juliana começou a aula dando as boas vindas, observou as crianças, e fez um desenho de um menino e uma menina no quadro. Em seguida, perguntou para as crianças:

Profa. Juliana¹⁰: - *Quem é esse menino e essa menina?*

Percebi as crianças se olhando, até que uma disse:

Criança: - *É o Heitor!*

Profa. Juliana: *Muito bem! E a menina?*

Criança: - *Eu acho que é a Aline!*

Profa. Juliana: - *Certo! Agora quem gostaria de contar quantos meninos tem na sala hoje? Quer contar Heitor?*

Heitor aceitou e contou as crianças. Quando terminou, a professora escreveu no quadro a quantidade de meninos em frente ao desenho. Pediu para ele contar as meninas, e ele contou com a ajuda dos colegas. A professora escreveu o número de meninas em frente ao

⁹ Todos os nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade da professora, das crianças e dos demais atores que participaram, direta ou indiretamente, da pesquisa.

¹⁰ Houve a opção de formatar os diálogos registrados no relatório de observação com formatação semelhante a dos textos teatrais, para melhor visualização das cenas presenciadas.

desenho. Colocou o sinal de adição (+) entre os números e contou, com as crianças, o total crianças, considerando-se os meninos e meninas que se encontravam na sala:

Profa. Juliana: - *Aqui tem 14, com o 14 na cabeça, agora contamos o restante no dedo, 15, 16, 17,18, [...], 24. Então, 14 com 10 é igual a 24 crianças no total.*

Então, escreveu no quadro o número 24 e, em frente ao número 14 e 10, a palavra “MENIN_S” e em vermelho a letra que diferencia uma palavra da outra. Disse:

Profa. Juliana: - *Qual a letra que está faltando aqui?*

Ela repetiu o nome e as crianças respondem:

Crianças: - *É a letra “O”!*

Profa. Juliana: - *E aqui? Qual a letra que falta?*

Crianças: - *Letra “A”!*

Profa Juliana: - *Então a letra que diferencia um nome do outro são as vogais “O” e “A”. Muito bem!*

A chamada nesse formato é um hábito diário que a professora possui no lidar cotidiano com as crianças. Apreciei a forma como a professora realizou a chamada, não havia presenciado uma chamada assim. Ela encontrou uma maneira diferente de saber quantos alunos estão presentes e transformou a chamada em um momento divertido, em que todas as crianças querem participar e se envolver na escrita e na contagem dos alunos em sala.

Após a chamada, a professora pegou em sua mesa um jornal com a matéria de destaque “Operação Carne Fraca”. Ela perguntou para as crianças:

Profa. Juliana: - *O que é isso?*

Crianças: - *É um jornal!*

Profa. Juliana: - *Do que será que o jornal está falando? (Havia uma imagem de carnes no frigorífico)*

Crianças: *É sobre a carne professora!*

Profa. Juliana: *Sobre a carne? Que carne?*

Igor: - *A Friboi!*

Profa. Juliana: - *E por que você diz que é sobre a Friboi Igor*?*

Igor: - *Porque a minha mãe falou que a carne da Friboi estava estragada ué!*

Naquele fim de semana, mais exatamente na sexta-feira (17/03/2017), foi realizada pela Polícia Federal uma operação que denunciava a adulteração em carnes em todo o Brasil, e uma das empresas investigadas foi a Friboi, a mais conhecida pelas crianças, por estar diariamente na mídia por meio de anúncios e propagandas. No fim de semana posterior a essa operação da Polícia Federal, os meios de comunicação estavam explorando o assunto com

mais intensidade. E a professora aproveitou para falar sobre a importância do jornal, que serve para nos manter informados sobre os assuntos que acontecem no cotidiano. Ela perguntou:

Profa. Juliana: - *Quais outros meios de informações que temos?*

Elizabeth - A Televisão, o rádio!

Profa. Juliana: *E sites de notícias que podemos acessar pelo computador ou pelo celular.*

A professora Juliana escutava as crianças, fazia perguntas e as crianças participavam a todo o momento. E essa postura do professor é muito importante para o desenvolvimento da turma como um todo, bem como das crianças individualmente, pois cria um vínculo de confiança. As crianças têm o que falar, mas muitas vezes não são ouvidas.

Mantinha uma abordagem pedagógica com situações-problemas, caracterizadas por Soligo (2015, p. 23) como “[...] situações desafiadoras, porque difíceis e possíveis ao mesmo tempo, em que se articulam atividades desenvolvidas pelos alunos e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem que eles têm.” Para a autora, produzir um trabalho pedagógico desse modo implica

favorecer a construção da autonomia intelectual dos alunos;/ considerar e atender às diversidades na sala de aula;/ favorecer a interação e a cooperação;/ analisar o percurso de aprendizagem e o conhecimento prévio dos alunos;/ mobilizar a disponibilidade para a aprendizagem;/ compatibilizar objetivos de ensino e objetivos de realização dos alunos;/ criar situações que aproximem, o mais possível, versão escolar e versão social das práticas e conhecimentos que se convertem em conteúdos na escola;/ organizar racionalmente o tempo;/ organizar o espaço em função das propostas de ensino e aprendizagem;/ selecionar materiais adequados ao desenvolvimento do trabalho;/ avaliar os resultados obtidos e redirecionar as propostas, se eles não forem satisfatórios. (SOLIGO, 2015, p.23-24).

Esse cuidado pedagógico a professora Juliana desenvolveu com suas crianças. Continuando a aula, ela pediu para o ajudante do dia, que é escolhido seguindo a ordem alfabética, para recolher os cadernos de tarefas.

Todos colocaram os cadernos em cima da mesa para que o ajudante do dia recolhesse e levasse para a professora. Juliana foi até o armário, que fica aos fundos da sala, pegou os cadernos de atividades de sala e pediu para o ajudante entregar aos colegas.

Cada caderno tinha o nome de seu dono impresso em letras médias para que o ajudante pudesse olhar o nome e entregar ao colega. Percebi que alguns nomes eles já reconheciam e iam direto entregar ao colega, outros nomes a criança ficava em dúvida, olhava na capa para ver se reconhecia de quem era e, quando não identificava, algum colega ajudava.

A professora pegou a primeira atividade de português e pediu para o ajudante entregar aos colegas. Enquanto as crianças recebiam as atividades eles conversavam sobre o fim de semana uns com os outros e com a professora. O ambiente estava tranquilo, sem gritarias ou coisas a fim. As crianças já se encontravam familiarizadas com dia a dia na escola. Até comentei isso com a Fabiana, pibidiana do curso de Pedagogia, e ela confirmou: as crianças se movimentam e conversam, mas sempre supervisionadas pela professora, que ficava atenta a tudo que eles conversavam.

A primeira atividade do dia apresentava o desenho de alguns animais, com quadrinhos em frente ao desenho, com diversas letras e uma delas era a inicial do nome do animal. A criança deveria pensar no nome, pintar a letra inicial que correspondia ao desenho e depois escrevê-lo na linha correspondente.

Havia as crianças que conseguiam encontrar a primeira letra e pintar, mas tinha dificuldades em escrever o nome completo do animal. A professora passava de mesa em mesa para verificar as dificuldades das crianças e Fabiana a auxiliava nessa questão. A professora reproduziu a atividade no quadro, como estava no papel, para fazer a correção com todos e escrever o nome dos animais. Gustavo, muito esperto, conseguiu concluir a atividade e na hora da correção no quadro “ajudava” a professora.

As 08h35min a professora foi avisada do lanche. A maioria foi até a cozinha para pegar a merenda fornecida pela escola, alguns foram comprar o lanche em uma cantina comercial que fica dentro da escola. Após, retornaram para a sala para lanche, o que se tornou também um momento de interação. Eles conversavam com a professora, uns com os outros. Eles gostavam muito de ficar próximos da pibidiana Fabiana, pois ela interagiu com eles e escutava o que tinham para falar, aconselhando-os também. Quando tocou a campainha para o recreio, quem não havia terminado o lanche o levava para comer no pátio.

Após o intervalo a professora terminou a correção da atividade e então pediu para seu ajudante entregar a segunda atividade. Nessa atividade, as crianças precisavam contar quantos ovos a galinha botou e escrever os números dentro do quadrinho. Percebi que as crianças conseguiam corresponder a quantidade ao símbolo numérico com mais destreza do que ao trabalharem com as letras. Só havia uma criança que não conhecia os números, ela contava até o número dez, porém não conhecia o símbolo do número. Então a professora ia ao quadro e mostrava o número correspondente com o símbolo. A última atividade também foi com números. A criança deveria contar quantas bolinhas havia na barriga do sapo e escrevê-los em frente ao desenho, e ao terminar tinham que pintar o desenho.

No segundo dia de observação, ao chegar à escola, fui para o pátio, para a acolhida das crianças. Conversei um pouco com a Fabiana e fomos para a sala seguindo a professora Juliana e as crianças.

Após a chamada, a professora continuou com o ajudante do dia pela ordem alfabética. O escolhido recolheu os cadernos de tarefas para a professora corrigir e acompanhar o desenvolvimento da criança. O ajudante se encarregou de entregar o caderno de atividades que seriam realizadas na sala, procurando identificar o nome dos colegas escritos na capa.

A professora propôs uma atividade que tem por nome “A casa e seu dono”, poesia de Elias José. Ela colou no quadro uma folha sulfite que tinha as casas e nelas quem morava, colou post-it, para que as crianças não visualizassem quem estava na casa, para uma brincadeira de rimas.

A professora explicou que iriam fazer rimas com os nomes de quem morava na casa. As crianças ficaram bem interessadas. E então começou:

Profa. Juliana: *Essa casa é de Caco, quem mora nela é o? Que animal rima com “caco”? Alguém sabe me dizer?*

Artur: *A cobra professora!*

Provavelmente, Artur deve ter pensado na sílaba inicial da palavra, pois "cobra" começa com a mesma sílaba do final da palavra "Caco". A professora explicou, assim, que a procura era por palavras que rimavam:

Profa. Juliana: *Mas cobra rima com “caco”? Vou repetir a frase. Essa casa é de Caco, quem mora nela é o?*

Anderson: *É o macaco!?*

Profa. Juliana: *Todos concordam com a resposta do colega? Caco rima com macaco? Elas se parecem?*

Crianças: *Sim!*

Profa. Juliana: *Muito bem!*

A professora levantou o post-it e tinha o macaco na casa. E assim as crianças começaram a participar das rimas, dando a sua opinião para dizer quem morava na casa. Quando terminou a rima a professora passou a folha sulfite para as crianças visualizarem melhor e conhecessem de perto as casas e seus donos.

Durante a visualização da folha, a professora pediu para o ajudante do dia entregar a atividade da “A casa e o seu dono” para que todos completarem os quadrinhos com o nome dos animais que moravam na casa. Ajudei as professoras a colar a atividade no caderno das crianças.

E enquanto realizava a atividade, a professora ia de mesa em mesa para observar a realização das atividades e ajudava quem tinha dúvidas.

As 08h35min as crianças saíram para pegar ou comprar o lanche, fiquei na sala. Aqueles que traziam lanche de casa e não saíam já o tiraram da mochila e começaram a comer. Esse é um momento em que as crianças conversavam sobre assuntos que têm em comum com seus colegas, desenhos, a família, os amigos. E as 08h50minh tocou a campainha para a hora do recreio.

Ao entrar na sala as crianças estavam bem eufóricas, agitadas, a professora acalmou a turma, perguntou se foi tudo tranquilo no recreio, nenhuma reclamação, então ela escreveu bem grande no quadro "INFORMÁTICA", e perguntou:

Profa. Juliana: *Para onde nós vamos agora? Quem consegue ler o que está escrito aqui?*

As crianças ficaram atentas e buscaram informações para ler o que a professora escreveu no quadro. Teve uma criança que leu:

Igor: - *I – FO – MA – TI – CA.*

Profa. Juliana: - *O Igor, crianças, leu a palavra escrita aqui no quadro, para onde nós vamos?*

Crianças: - *Informática!?*

Profa. Juliana: - *Sim, para a informática. Mas antes vamos fazer alguns combinados, prestem atenção. O professor Antônio vai colocar nos jogos que vocês já conhecem, então não é para clicarem em outra coisa, sem autorização. Vocês escolhem com que vão sentar, e não fiquem brigando por causa de lugar, entenderam? Agora guardem os materiais nas mochilas, e deixem na mesa o caderno de atividades para recolher depois. Quando terminarem pode sair, com ordem, sem empurrar.*

Fomos para a sala, os computadores já estavam nos jogos educativos que o professor instalou nos computadores. As crianças foram se acomodando nas cadeiras, sem desavenças ou discussões.

Nesse momento na informática, além do conteúdo, foram trabalhados diversos elementos relacionados à alfabetização, como noção de espaço, coordenação motora fina da mão, por meio dos jogos educativos que eles escolhiam. Eles mostraram gostar muito dos momentos na informática. Os que tinham alguma dificuldade pediam auxílio e a professora, bem como a pibidiana e eu, estávamos prontas para ajuda-las.

A professora comentou que o Igor, o que leu a palavra no quadro, chegou esse ano na escola. Ele havia vindo de outro estado, no qual ele frequentava um centro de educação infantil onde já estava sendo alfabetizado. Assim, ele já conseguia ler algumas palavras.

Perguntei para a professora quais eram as dificuldades encontradas no cotidiano para alfabetizar por meio de textos, ela explicou que as atividades são as mais desafiadoras, pois o professor deve pesquisar e desenvolver atividades que desafiem o que as crianças sabem para haver a construção da leitura e da escrita, e para isso o professor primeiro deve conhecer seus alunos, depois desenvolver essas atividades que requerem observação, estudo, pesquisa e avaliação.

E muitas vezes o professor não tem esse tempo e acaba formando atividades sem tantos desafios. Também, a falta de compreensão por parte das pessoas do entorno sobre a importância dessa forma de alfabetização, muitos professores, coordenadores, pais de alunos querem resultados imediatos. E esse processo é longo e mais demorado.

Perguntei se ali na escola ela tinha oportunidade de trabalhar por meio de projetos, os quais auxiliam muito nessa forma de alfabetizar, pois dá um norte, um caminho para o professor calcar. A professora disse que ali eles apoiam as decisões que os professores tomam, e que eles podem e devem trabalhar com projetos.

O que consegui compreender é que a alfabetização por meio de textos deve ser analisada, pesquisada, colocada em prática, analisar novamente e propor novos desafios possíveis para que as crianças consigam concretizar os conhecimentos que possuem. Soligo (2015, p. 27) diz que “[...] o ingrediente principal de uma prática pedagógica com esse enfoque metodológico é considerar o aluno, de fato, sujeito de sua aprendizagem e construtor de seu próprio conhecimento.” Se o professor em sala não considerar a criança como produtora de seu conhecimento, então o trabalho com textos não se faz necessário.

No terceiro dia, quando eu cheguei à escola as crianças e as professoras já estavam na sala. Cumprimentei as crianças e as professoras, pedi licença, alguns vieram me abraçar, retribuí o abraço e fui me sentar. A professora estava desenhando as crianças no quadro, estiveram presentes 15 meninos e 09 meninas. A professora viu no alfabeto que não havia mais letras referentes aos nomes das crianças, então jogou a problemática para as crianças.

Profa. Juliana: *Bom, não temos ninguém com as últimas letras do alfabeto aqui na sala. Então, como podemos escolher um novo ajudante? Que outra forma podemos utilizar? O que vocês acham crianças?*

As crianças pensaram um pouco, e o Pedro logo respondeu:

Pedro: Professora é simples! Vamos fazer uma votação, a senhora coloca o nome de um menino e de uma menina no quadro e nós votamos!

Profa. Juliana: *O que vocês acham? Concordam com o que o Pedro propôs?*

As crianças concordaram.

Profa. Juliana: *Mas, então, ao invés de colocar o nome de uma menina e de um menino, podemos colocar dois nomes de meninos em um dia, e no outro dia, dois nomes de meninas. Porque senão os meninos vão votar só nos meninos e as meninas vão ficar em desvantagem (os meninos riram), concordam? Pode ser assim?*

E todos aceitaram.

Logo que foi votado quem seria o ajudante do dia, as crianças colocaram os cadernos de tarefas na mesa, a pedido da professora, enquanto o ajudante eleito recolhia. Depois que a criança recolheu, a professora esperou as crianças se acalmarem e sentou na frente da turma para conversar.

Ela explicou que nessa última semana de março a escola apoiaria a campanha da violência contra a mulher. Perguntou para as crianças o que achavam que seria essa violência. Alguns falaram que era bater na mulher, outros falaram que era tirar sarro. E então a professora foi pegando gancho das respostas das crianças e foi escrevendo no quadro, explicando que qualquer tipo de violência contra a mulher não deve existir em casa, na escola e que devemos denunciar para algum adulto de sua confiança, seja em casa ou na escola. As crianças ficaram bem atentas e participaram da discussão que a professora propôs.

Após a discussão a professora contou a história “A festa”, na qual os animais se esqueceram de convidar o leão, que ficou furioso. Pediu para o ajudante entregar a cópia para cada colega. E então propôs uma atividade a qual as crianças deveriam colocar a primeira letra do nome dos animais nos quadrinhos e depois escrever o nome dos animais ao lado.

A professora deve separar as disciplinas em seu planejamento, dois tempos de língua portuguesa e dois de matemática. Porém, as atividades que ela propõe trabalham todas as disciplinas, sem ficar falando, “agora vamos trabalhar com matemática, agora português”, pois trabalha com a interdisciplinaridade, uma disciplina está ligada a outra. E enquanto as crianças realizavam as atividades propostas, ela ia de mesa em mesa verificar se precisam de ajuda, juntamente com a Fabiana.

Após o lanche e o recreio, ao voltarem para a sala e se acalmarem, a professora pediu para que pegassem o livro de matemática para realizar atividades de contagem e escrita no livro. A professora Juliana ouvia as crianças, colocava problemas e desafios para que pudessem resolver e ajudava a resolver as questões que as crianças levavam até ela.

No quarto dia, quando eu cheguei à escola as crianças estavam no pátio se organizando na fila. Cumprimentei as professoras, as crianças e fiquei ao fundo. Uma menina veio até mim e me deu um abraço, retribui e ficamos conversando. Ela comentou que ela era cantora, que cantava a noite e que gostava muito. Perguntei por que ela tinha faltado no dia anterior, e ela respondeu que estava muito cansada porque havia ido dormir muito tarde no domingo, pois estava cantando.

Comentei o assunto com Fabiana e a mesma confirmou, essa criança é bastante faltosa nas segundas, pois canta, e para a criança é uma diversão fazer. O assunto já estava na orientação para verificarem com os responsáveis o que estava havendo.

Nesse momento, percebi a importância do diálogo com as crianças e como é importante que o professor (a) conquiste essa confiança e estabeleça um vínculo para que a criança não tenha medo, e que ali, na escola, é o lugar onde pode encontrar um apoio, um lugar não só de estudos, mas de socialização, conversas, interação com o outro.

Ao entrarmos na sala as crianças foram se organizando enquanto a professora desenhava no quadro. Havia 18 meninos e 11 meninas. O ajudante do dia foi eleito por votação. A professora pediu para que recolhesse os cadernos e entregasse o de atividades. A professora começou a contar a história do Pinóquio para as crianças, e em um momento da história ela se referiu ao Gepeto, o criador de Pinóquio, como um velho, porém o Pedro interferiu e comentou:

Pedro: - *Profª, não se fala velho, é idoso! Minha mãe me ensinou que devemos chamar o vô e a vô de idoso, e não de velhos.*

A professora achou muito importante essa observação e falou para a turma que o Pedro estava correto, que devemos respeitar os idosos e não chamá-los de velhos, ela pediu desculpas pela forma como falou, corrigiu-se e continuou a história. Quando terminou a história, ela pediu para as crianças fazerem uma lista de brinquedos que Gepeto montou.

Alguns tiveram um pouco de dificuldade de colocar no papel o nome do brinquedo, então a professora ia até o quadro e escrevia com eles os nomes dos brinquedos que as crianças falavam. Foi uma atividade bem criativa, colaboraram com nome de muitos brinquedos. E assim formaram uma lista com dez nomes. A professora conversava com eles na hora da escrita, propondo desafios que eram possíveis.

Após o lanche e o recreio a professora distribuiu uma atividade de contagem. As crianças deveriam observar o desenho contar a quantidade de brinquedos e ferramentas que Gepeto tinha em sua oficina.

Percebi que havia uma menina que não reconhecia os números. Ela contava, porém não reconhecia o símbolo do número. Comentei com a professora e ela disse que ela não havia ainda construído essa relação entre o nome e o símbolo. Não teve contato com a educação infantil e não era estimulada em casa quanto à escrita e leitura. Então entendia que essa dificuldade partia desse ponto.

No quinto dia de observação, quando cheguei as crianças já estavam indo para a sala com as professoras. Ao entrar na sala cumprimentei as crianças e as professoras, alguns vieram me abraçar e cumprimentar. Ao sentar aos fundos da sala, a professora já estava desenhando as crianças no quadro. Na sala tinha presente 14 meninos e 11 meninas.

Juliana apresentou o novo calendário, o mês de abril, que estava começando e mostrou no calendário em que dia estávamos. E na hora da votação do ajudante percebi que houve algumas alterações.

A professora elaborou uma caixa, e dentro havia o nome das crianças. Ela sorteava dois nomes para a votação e quem era o eleito ela colocava o nome no armário para ter controle de quem já havia sido votado. Quem não tinha ganhado a eleição, o nome voltava para dentro da caixa. Uma forma que ela encontrou para todos participarem e serem eleitos como ajudantes do dia.

Após a eleição o ajudante recolheu os cadernos de tarefas e entregou o de atividades. A professora pediu para a criança entregar o calendário novo para colarem no caderno e pintarem os dias que já haviam passado e o dia em que estávamos.

A professora explicou que iria continuar com a história da semana passada, e perguntou se eles se lembravam da história que ela havia contado, a qual tinha um idoso, e as crianças já falaram a história do Pinóquio.

A professora pediu para o ajudante distribuir as atividades. Na atividade a criança deveria reconhecer o brinquedo que tinha na história e completar o nome nos quadrinhos em frente do desenho, com o objetivo de se apropriarem da escrita.

Juliana e Fabiana iam ajudando as crianças que não estavam conseguindo terminar. Aqueles que já haviam terminado coloriam os desenhos. Ao final, a professora foi ao quadro e fez a correção com todos.

Após o lanche e o recreio, a professora propôs uma atividade de referência no espaço. As crianças deveriam circular os brinquedos que estavam perdidos no jardim. Alguns estavam em cima outros em baixo, e a criança deveria reconhecer e localizar os brinquedos. A maioria não teve dificuldades em executar o que foi proposto, havia só duas crianças que não conseguiram localizar um brinquedo, mas com a ajuda do colega perceberam onde estavam.

Eles pintaram a imagem e a professora fez a correção geral no quadro. Pediu para que as crianças listassem os brinquedos encontrados. E as crianças escreviam de acordo como sabiam para a professora poder interferir posteriormente.

No sexto dia, ao entrarmos na sala as crianças se organizaram nas mesas que queriam sentar, e a professora começou a desenhar as crianças, no final da contagem havia 13 meninos e 10 meninas. Fez o sorteio dos nomes que iriam para votação do ajudante do dia, e o eleito recolheu os cadernos de tarefas e entregou o de atividades.

A professora começou a aula contando a poesia “A bola” de Cecília Meireles. Ela leu para todos e depois propôs que as crianças circulassem as palavras BOLA – BELA – ROLA na atividade que foi entregue. Alguns tiveram um pouco de dificuldade, então a professora escreveu as palavras no quadro para visualizarem e poderem identificar. As crianças realizaram o que foi proposto e depois pintaram as palavras que encontraram.

Foi entregue outra atividade relativa ao tema, em que a criança deveria pintar o nome do brinquedo BOLA, depois escrever e por fim completar o nome nos quadrinhos. O desafio era diferenciar o nome do brinquedo dos nomes BOCA – BOTA, pois só uma letra diferencia um nome do outro, alguns já conseguiram na primeira tentativa e outros pensaram mais a respeito da palavra.

Percebo que Juliana trocou as letras do meio para que a criança realmente pensasse sobre a escrita. Se fossem palavras totalmente diferentes, não teria o mesmo efeito, pois os que já tivessem um conhecimento prévio já iriam direto à resposta, e aquelas crianças que ainda não possuíssem conhecimento prévio iriam apenas marcar. Não seria um desafio, apenas mais uma atividade. Sobre as atividades para alfabetizar, crianças Soligo (2015) considera que,

As atividades, por si só, não produzem resultados ‘milagrosos’ na alfabetização dos alunos: talvez não haja nada mais importante para a aprendizagem dos alunos do que os seus professores! [...] Somos profissionais da maior importância para a formação dos alunos e nem sempre nos damos conta disso. Mais de 95% das crianças brasileiras estão na escola e nela passam pelo menos quatro horas durante 200 dias ao ano, o que significa que temos um enorme poder de formação e de informação junto a elas. Podemos ensinar muita coisa para os nossos alunos ou negar a eles o direito de aprender. Tudo depende de acreditar em sua capacidade e em suas possibilidades, porque para ensinar muito – e bem – é preciso acreditar verdadeiramente que todos são capazes e têm direito ao conhecimento. Essa crença é nossa maior virtude, como professores, pois é ela que orienta nossas ações. (SOLIGO, 2015, p. 99).

Enquanto os professores desconsiderarem a criança como um ser pensante, não poderão renovar o ensino que está posto. É preciso olhar para a criança e realmente entender

que são capazes de construir o seu conhecimento. Do contrário, não se estará realizando um bom trabalho na formação inicial da criança.

No sétimo dia de observação, Juliana realizou a acolhida, fez o desenho das crianças no quadro, com a presença de 12 meninos e 09 meninas, fizeram a soma do total. Após, ela realizou a votação do ajudante do dia. As crianças pintaram o dia em que estávamos no calendário, entregue pela professora, e a mesma iniciou a aula contando a história “Carona na vassoura” de Julia Donaldson e Axel Scheffler.

As crianças ficaram atentas à história contada e ao terminar de contar a história a professora fez perguntas para as crianças, discutindo o que foi lido. As crianças manusearam o livro, e então a professora propôs uma atividade relacionada com os animais da história. As crianças deveriam reconhecer os animais e escrever o nome nos quadrinhos. Ao terminarem elas deveriam pintar os desenhos.

A outra atividade proposta era de cruzadinha com nome dos personagens. Esse tipo de atividade é importante, pois a criança deve reconhecer o nome e escrever nos quadrinhos, contar para ver se cabem. As professoras ficaram auxiliando e dando suporte em todo o momento. Alguns nomes ela escrevia no quadro para uma visualização melhor.

Após o lanche e o recreio a professora propôs uma atividade no livro de matemática, trabalhando com números o nome e o símbolo, para que as crianças fizessem associações. Foi uma atividade que as crianças gostaram e a maioria possuía mais facilidade, com exceção da criança que não reconhecia os números.

No oitavo dia estava acontecendo a realização da avaliação diagnóstica, que consiste em realizar atividades para que a professora conheça em que nível de hipótese de escrita a criança se encontra - pré-silábico, silábico, silábico-alfabético ou alfabético - para poder propor atividades que as desafiem e consigam ultrapassá-los.

Quem produziu as atividades foi a professora de outra turma, e a coordenadora pediu para que fosse aplicado nas turmas de primeiro anos. Não poderíamos interferir nas respostas das crianças, nem ajudá-las. E quando terminavam, a professora pedia para que pintassem os desenhos.

Após o lanche, as crianças foram para o recreio, a professora ficou com dois meninos que estavam caçoando de uma colega na hora do recreio do dia anterior. Os pais vieram na escola conversar com a professora sobre o assunto. A professora conversou com os meninos, explicou que isso não deve mais acontecer e que eles iriam ficar sem recreio na sala.

Eu fiquei com a professora e tive a oportunidade de perguntar se ela se via como uma professora alfabetizadora, e ela respondeu que sim, apesar das dificuldades encontradas de se

trabalhar com textos, pelos resultados demorarem um pouco mais, ela entende que esse é o caminho para uma formação melhor e mais completa para as crianças.

Ao retornarem para a sala, a professora propôs uma atividade de contagem e escrita dos números. A maioria desenvolveu bem, contavam e escreviam o número correspondente no quadrinho. Uma atividade para a apropriação da escrita dos números e reconhecimento do som ao símbolo.

Ao fim da aula, a professora falou para as crianças se despedirem, pois seria meu último momento com a turma, só quem continuaria com eles seria Fabiana. As crianças perguntaram o porquê e a professora respondeu que a minha pesquisa havia terminado na sala. Elas me deram um abraço, e me despedi da professora e da turma, agradecendo a oportunidade.

O tempo em que estive presente nas aulas da professora Juliana percebi que apesar de ser bem nova ela domina o conhecimento que norteia o seu trabalho. O desenvolvimento das aulas na alfabetização é trabalhoso, pois o professor deve conhecer seus alunos, saber onde se encontram, para então propor atividades desafiadoras, porém possíveis. E ela consegue desenvolver esse trabalho com as crianças.

É um trabalho longo e demorado, contudo percebo que é o caminho correto a seguir, pois a criança é detentora de conhecimento, ela não é uma tábula rasa onde o professor sabe tudo e a criança não sabe nada. As crianças possuem vivências, conhecimentos e parte do professor conseguir alinhar o que já sabem com o mundo da escrita com propriedade.

O professor deve confiar na criança, jogar situações problemas para que elas resolvam e construam, assim, o seu conhecimento. Logo, o professor se torna mediador, levando a criança a descobrir que ela é capaz e que pode alçar voos. Entendo que esse é o maior desafio do professor, estimular a criança, por meio da leitura e da escrita para que ela se aproprie, e esse trabalho é muito bem desenvolvido pela professora Juliana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia (LISPECTOR, 1999).

O ato de escrever é uma construção que se aperfeiçoa através dos anos, e por meio da leitura. O presente trabalho de pesquisa possibilitou-me compreender esse processo de escrita na vida da criança. Entendo que quanto mais contato a criança possuir com a escrita e com a leitura, menos complexa será a construção de seu conhecimento. Desse modo, a importância de se trabalhar a leitura diversificada e expor sua função social ficam evidentes.

A alfabetização por meio de textos é prolongada e mais trabalhosa para o professor, pois este deverá sempre estar pensando e repensando sua prática pedagógica, em como e quando intervir, levando para a sala a diversidade, a partir do que a criança já supõe que seja a escrita.

Contudo, é melhor e mais eficaz, já que a criança terá contato com textos ricos e que contribuirá no seu processo de formação, sendo que seu repertório de leitura e escrita será abundante e por essa razão a importância de se trabalhar com textos em sala de aula.

A criança entenderá a relevância que possui a escrita e a leitura, tanto aquela que já sabe ler como também a que ainda não sabe ler convencionalmente. Pois, por meio da leitura construímos novos vocabulários, conhecemos diversas histórias e diferentes ideias e argumentações.

Entendo que ser professor é ir além da sala de aula, é incentivar a criança a pensar por si, considerando o outro, interagindo com os que a cercam e, assim, produzir conhecimento, interpretar, analisar e refletir sobre a escrita, sua função e importância no meio social em que vive.

Os professores têm a difícil, porém possível, ação pedagógica de ir contra o que está posto e/ou enraizado em seu imaginário. Para tanto, é preciso investimento em uma formação que contribua para modificar suas crenças, de modo que possam colocar em prática o que sabem ser o correto e se colocar contrário ao que está posto.

Desta maneira, a trajetória do desenvolvimento profissional é influenciada [...] pelo compromisso pessoal, pela vontade em aprender a ensinar, pelas crenças, pelos valores, pelo conhecimento sobre os conceitos que ensinam, pelas metodologias utilizadas e pelas experiências passadas. É nesse contexto de interrogação e

aprendizagem contínua que se configuram as identidades profissionais, um complexo repleto de histórias e conhecimentos. Sempre esteve presente a concepção de que a profissão docente tem como principal elemento o conhecimento, ou seja, a justificativa para o trabalho do professor pauta-se no compromisso de transformar esse conhecimento em aprendizagens significativas para os alunos. (MENEZES, 2016, p. 48).

Nesse sentido, é necessário haver parceria no trabalho pedagógico. Assim como a criança precisa de um parceiro para que aprenda um com o outro e perceba que não existe uma pessoa que sabe tudo, também os professores estão em aprendizado constante. Por isso a importância dos agrupamentos em sala, e assim desenvolver atividades de aprender a ler sem saber ler, e a escrever sem saber escrever.

O trabalho em grupos deve ter um objetivo, agrupar as crianças de forma que trabalhem juntas. Mas, para isso, o professor deve primeiro conhecer as crianças, perceber as afinidades que possuem umas com as outras, e agrupá-las por diferentes hipóteses para que construam o conhecimento. Um agrupamento bem organizado também depende do que se pretende com cada atividade.

O professor deve desenvolver atividades que possuam sentido para trabalhar na alfabetização com as crianças. E entender a importância de trabalhar com textos reais. Bem como a possibilidade de agrupamentos considerando o que cada criança sabe.

Ao decorrer da pesquisa, por meio das discussões na academia, do Curso de Formação de Professoras Alfabetizadoras via Cartas, das perguntas elaboradas pelas colegas de curso e das dúvidas sanadas pela Profa. Rosaura, bem como das observações realizadas na sala da professora Juliana, compreendi as reais dificuldades de professores que querem mudar a sua prática pedagógica.

Há um mito muito grande entre os professores nas escolas de que o método com os textos não funciona, que é uma bagunça, que é impossível dar “conta”, e vai gerando medo, dúvidas e anseios por parte daquele/a professor/a que tem a vontade de fazer diferente. Temos medo, “e se a criança não aprender, e se eu errar, e se não der conta de trabalhar com grupos, e se...”. Mas se a gente não “se jogar”, nunca saberemos.

Por isso, o interesse em mudar a prática deve ser constante, e esse interesse deve estar baseado em uma sólida fundamentação teórica. Assim, devemos ter leitura, muita leitura! Formar grupos com quem possui experiência e sabe que dá certo. Buscar conhecimento para transformar a prática pedagógica e realizar cursos formativos nessa perspectiva, pois como havia dito, a universidade nos dá a base, a prática, vamos conquistar no dia a dia.

Gostei muito de uma frase proferida pela professora Rosaura em um dos momentos do curso: “A gente vê o que a gente sabe”. Quando conhecemos sobre determinados assuntos, compreenderemos melhor o que lemos sobre. Porém, quando não conhecemos, ou não temos conhecimento prévio sobre o assunto tratado, podemos ler, mas não compreenderemos sobre o que se fala. A criança percebe a leitura nas relações que possui com a escrita e com quem lê.

Em um dado momento, a professora Rosaura destacou no CformA os recursos de imagens que o professor em sala de aula usa para “facilitar” a escrita da criança, mas que acabam dificultando, pois a imagem acaba "roubando a escrita", pois a criança, ao invés de criar uma história interessante e divertida, acaba descrevendo as imagens que vê, tornando seu texto descritivo e não criativo. Procuro ressaltar, os professores devem trabalhar com produção de textos reais com as crianças, sem a interferência de imagens desnecessárias.

Os fundamentos de uma boa escrita são a leitura e revisão de textos diversos. É por meio da escuta, da leitura, produção oral, produção de texto escrito e da análise e reflexão sobre a língua, que os professores podem formar crianças leitoras, pensantes.

Como educadores, nós devemos prolongar a infância das crianças, e não o contrário. Ao invés de querer ensinar cursiva aos quatro anos, devemos proporcionar vivências reais para que por meio das experiências as crianças construam o seu conhecimento. A criança precisa brincar. Aflorar a criatividade, viver sua infância. E não temos o direito de negligenciar esse momento prazeroso e de aprendizagem.

A pesquisa realizada proporcionou momentos de conhecimento, reflexão e ação. Foi muito importante para a construção e concretização do meu conhecimento. Não conseguiria entender a alfabetização por meio de textos reais se não fosse as experiências vividas na universidade, no curso e na pesquisa de campo. Foi a base para a minha formação acadêmica e hoje posso defender essa prática pedagógica.

Compreendo que o trabalho com textos para alfabetizar é eficaz e melhor para o aprendizado das crianças. Há muito que estudar e compreender, porém a minha base está edificada para os conhecimentos por vir. Os aprendizados foram muitos, e os desafios são maiores, contudo, sinto-me preparada para buscar novas fontes de conhecimento e aprimorar o que possuo.

Sou muito grata pelos momentos ricos de aprendizagem, no decorrer da construção da escrita do projeto de pesquisa, pelas oportunidades ao longo dos quatro anos de muito estudo, experiências e realizações. O desejo e vontade de fazer a diferença na vida das crianças me movem e comovem.

Encantar as crianças nos centros de educação infantil, nas escolas, ou por onde passar será o meu objetivo. Cometerei muitos erros, é claro, porém terei sempre a quem recorrer em desespero, meus/minhas queridos/as professores/as e orientadora.

Encerro com as palavras de Cris Pizziment (2013) “[...] portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim”. Despeço-me com gratidão infinda, obrigada!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1990.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Ba-Be-Bi-Bo-Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

_____. Algumas questões de linguística na alfabetização. **Caderno do Professor (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n.12, p. 12-20, 2005.

FRANCHI, Eglê. **E as crianças eram difíceis...** A redação na escola. São Paulo: Martins Fontes. 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MELO, Terezinha Toledo Melquíades de; MAGALHÃES, Luciane Manera. O desafio do “alfabetizar letrando” em sala de aula: um estudo de caso. In: Reunião Nacional da ANPED, 36, Goiânia-GO, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013. **Anais...**, Goiânia, 2013.

MENEZES, Cátia Soares Madaleno. **Formação de professores alfabetizadores iniciantes expressa por suas narrativas**. 2016. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2016.

MORAIS, Artur Gomes. **Concepções e metodologias de alfabetização: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos?** Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2006. (Trabalho apresentado no Seminário Alfabetização e Letramento em Debate). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf>. Acesso em 29 out. 2017.

PEREZ, Luana Castro Alves. Analfabetismo funcional. **Brasil Escola**, [s.l.], 2017. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>>. Acesso em 03 out. 2016.

PIZZIMENT, Cris. **Sou Feita de Retalhos**. 2013. Disponível em: <http://www.50emails.com.br/poema-sou-feita-de-retalhos-nao-e-de-autoria-de-cora-coralina/>. Acesso em 29 out. 2017.

SOLIGO, Rosaura. Variações sobre o mesmo tema: letramento-e-alfabetização. In: RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil**. São Paulo: Editora Global/Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa, 2003.

_____. **Cartas pedagógicas sobre a docência**. São Paulo: GFK, 2015.

_____. **Curso de Formação de Alfabetizadoras por cartas**. 2017. Disponível em:

<https://rosaurasoligo.wordpress.com/2016/12/06/aberta-a-lista-de-interessados/>. Acesso em 19 jun. 2017

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, p. 15-21, jul./ago. 2003

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.